



1290003163



FE

TCC/UNICAMP T575c

LÚCIA HELENA AIRES TOLEDO

855216006

**CRIANÇA NEGRA E A LITERATURA INFANTIL :
A (DES)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE?**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

**Campinas
2006**

LUCIA HELENA AIRES TOLEDO

**CRIANÇA NEGRA E A LITERATURA INFANTIL : A
(DES)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE?**

*Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado para
obtenção da Licenciatura em
Pedagogia pela Universidade
Estadual de Campinas, sob a
orientação da Profa. Dra
Ângela Fátima Soligo*

**CAMPINAS
2006**

UNIDADE:	F.E.
Nº CHAMADA:	1000000000
V:	EX:
TOMBO:	3163
PROC:	145107
C:	D: X
PREÇO:	
DATA:	28/03/04
Nº CPD:	1000000000

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

T575c Toledo, Lúcia Helena Aires
Criança negra e literatura infantil : (des) construção da identidade /
Lúcia Helena Aires Toledo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Angela Fátima Soligo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Preconceitos. 2. Racismo. 3. Literatura infantil. I. Soligo, Angela Fátima.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-810-BFE

***À MEUS PAIS, SEBASTIÃO E
MARIA DE FÁTIMA, MEU
ESPOSO RONIE E À MEU FILHO,
VICTOR GABRIEL.***

Como dizia o Marquês de Sade:

“A ÉTICA É UMA QUESTÃO DE GEOGRAFIA E A ESTÉTICA TALVEZ UMA QUESTÃO DE HISTÓRIA(...) SABER INTERPRETAR O MOMENTO, AMPLIAR OS REFERENCIAIS, NÃO SE LIMITAR COM ESTEREÓTIPOS, NÃO ENDOSSAR OS DISPARANTES IMPOSTOS, NÃO REFORÇAR OS PRECONCEITOS, É BUSCAR TALVEZ NO ESTÉTICO O MOMENTO DE RUPTURA, DE TRANSGRESSÃO, ONDE NÃO HAJA FALSAS E TOLAS CORRESPONDÊNCIAS NA DESCOBERTA DE TODA SEDUÇÃO ENCOBERTA, DA BELEZA E SABEDORIA A SEREM REVELADAS, DE PADRÕES QUE NÃO SÃO OS DO CLAMADO PAÍSES DESENVOLVIDOS.”

(Abramovic, 1980, p.41)

ÍNDICE

Agradecimentos	06
Resumo	08
Apresentação	09
Capítulo I : Introdução	
1.1. <i>Racismo e preconceito no Brasil</i>	12
1.2. <i>Identidade Negra</i>	22
1.3. <i>A imagem do Negro na Sociedade</i>	27
1.4. <i>A imagem do Negro no livro Didático e de Literatura Infantil</i>	29
1.5. <i>A Literatura Infantil na construção da identidade</i>	32
Objetivos	36
Capítulo II : Método	
2.1. <i>Participantes</i>	37
2.2. <i>Materiais coletados</i>	38
Capítulo III : Resultados	
3.1. <i>Análise dos Materiais Coletados</i>	41
Capítulo IV : Conclusões e Contribuições Finais	
4.1. <i>Considerações Finais</i>	53
4.2. <i>Contribuições da Pesquisa para a Educação</i>	56
4.3. <i>Limites e Perspectivas</i>	58
Referências	
Anexos	

AGRADECIMENTOS

O processo de graduação não foi fácil para uma mãe, professora, estudante, esposa e filha...

O período foi de escolhas e nem sempre fáceis de se realizar e muito menos , prazerosas de se fazer. Mas as fiz e acredito que os que me cercavam, mesmo não compreendendo o por quê, aceitaram e me apoiaram pois sabiam que aquela escolha era necessária. A todos, mesmo aqueles que não verei novamente e que perdi o momento de sua companhia em minhas escolhas, dedico este trabalho que é fruto de um sonho, de uma realização...

Inicio agradecendo a minha orientadora, a Profa. Dra. Ângela Fátima Soligo, pela paciência , carinho , dedicação e auxílio para desatar os nós que as leituras me causaram, assim como agradeço-a por nas aulas da graduação, ter me despertado o interesse pela pesquisa.

Agradeço meus pais por serem pessoas maravilhosas, por nunca negarem apoio em minhas decisões, por sempre estarem por perto quando chorei , sofri, ri, ou ainda, precisei de um ombro amigo. Amo vocês..

Aos meus irmãos, Alexandre e Ana Paula, pela convivência de todos esses anos e pelas lembranças de uma infância maravilhosa que não teria sido a mesma sem a presença deles e muito menos o sossego da vizinhança , sem a nossa presença.

Ao meu avô Eugênio , pelo carinho e ajuda financeira que me dera para terminar o magistério e que foi o começo de tudo ! A minha avó Adelaide , que não está mais conosco , mas que deixou muitas lembranças e bons conselhos guardados em meu coração. Aos dois , não encontro palavras para agradecê-los...

Agradeço a minha avó Matilde e ao meu avô Serafim, por terem criado meu pai com bons princípios morais e aos quais, pode, passá-los para mim. Obrigado...

A minha sogra Maria e meu sogro Benedito, agradeço pela paciência e amor dedicados a nós, por entenderem a minha ausência.

Agradeço aos meus tios, tias, primos, primas, cunhadas , cunhados, amigos e amigas, que compreenderam e me auxiliaram durante os momentos mais difíceis em minha vida.

Não posso deixar de agradecer pelo companheirismo, angústias compartilhadas e dificuldades esclarecidas , ao grupo de trabalhos que formamos ao longo desses quatro anos. Agradeço a Cristiane, Elaine, Gabriela, Juliana R., Vanessa e Véra, pelas muitas risadas, frustrações e “cacetadas” que tomamos por sermos tão...felizes! E a toda a turma, impossível de nomeá-las, mas que ficarão guardadas em minha lembrança!

Não posso deixar de agradecer a todos os professores que tivemos na graduação, por contribuírem para minha formação e reflexão das teorias e práticas pedagógicas. Obrigada a todos!

Agradeço ao apoio do Ronie, um negro lindo em minha vida, que me ensinou a ver a vida de forma diferente, pelos momentos ruins e bons que juntos enfrentamos, pelas loucuras em nossas viagens ecológicas (nos perdemos por doze horas no meio do mato!). Enfim, por cuidar de nosso filho em minha ausência, pela paciência, pela digitação de meus trabalhos e por ser quem é...Te Amo!

Enfim, agradeço ao meu filho Victor Gabriel, por haver encantado a minha vida e me ensinado a dor e prazer da maternidade, pelos abraços, sorrisos, emoções que me fizera sentir. A você, peço perdão pela minha ausência e que tantas vezes me cobrou, espero que um dia quando crescer, entenda-me. Obrigado por ter acontecido em minha vida...

RESUMO

O objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso, é o de analisar como os contos infantis trazem ou não, contribuições para a identidade das crianças na relação com os livros infantis, a partir da análise dos materiais coletados e estabelecendo relações de como o racismo e preconceito estão introjetados na sociedade. A pesquisa é qualitativa, sendo um estudo de caso e os participantes são crianças negras (pretos e pardos) e brancas, todas com 6 anos. Os instrumentos utilizados foram duas histórias infantis, sendo uma clássica e a outra específica para trabalho com etnia, ilustração das figuras das crianças vistas no espelho da história e por fim, uma história construída pelo grupo a partir de recortes e colagens, de personagens construídos por elas que estabeleceram sexo, nome, posição social, cultural e econômica. Constatou-se através da análise, que crianças negras apresentam problemas de reconhecerem e assumir a papel social de cada uma e que carregam em suas atitudes e ações idéias racista e preconceituosas introjetadas no reconhecimento social e na imagem de si mesmas, influenciando a construção da identidade negra. Apresentam a valorização do estereótipo branco e a degradação do estereótipo negro. Desprezando o ser negro em função da ideologia do branqueamento que os leva a negar a própria identidade para sentir-se aceitos socialmente em favor de um mito de democracia racial.

Palavras chaves: racismo — preconceito — literatura infantil.

APRESENTAÇÃO

Ao escolher o tema da pesquisa para a realização desse trabalho, busquei em mim mesma inquietações que traziam ao longo de meus 14 anos de magistério. Entre as muitas, destacou-se o racismo e preconceito racial que observar ocorrerem em âmbito escolar. Sabia que vivemos em uma sociedade racista e que a causa foi o processo de escravidão no Brasil, mas desconhecia a forma com que fora construído socialmente após esse período o racismo e preconceito no meio social brasileiro. Entendê-lo dentro da sociedade e as implicações para o meio educacional tornou-se meu objetivo. Ao longo dos últimos anos é que algumas publicações reconhecem o preconceito e racismo social no Brasil, ao seja o país como sendo racista. Os estudos realizados apontaram para o mito da democracia racial, a ideologia do branqueamento e a fragmentação da identidade e é a identidade negra o objeto dessa pesquisa.

O processo de racismo e preconceito no Brasil tem sua origem no processo histórico, que foi desencadeado com o período de escravidão. Racismo é entendido como uma doutrina, científica ou não, que prega a existência da raça humana com diferentes habilidades, qualidades e gradientes hierárquico morais, psicológicos, físicos e intelectuais. Ainda, como atitudes, preferência e gosto. O preconceito torna-se parte dessa definição formando um sistema difuso de predisposições, crenças e de expectativas de ações que não estão formalizadas ou expressa e que a discriminação ocorre quando há uma manifestação comportamental e que define como preconceito. (Guimarães, 2004).

No primeiro capítulo discuto como esse racismo, preconceito e discriminação racial foi sendo construído na sociedade brasileira e como essa construção histórica influencia a vida dos negros levando-os a fragmentação da identidade, ao mito da democracia racial e da ideologia do branqueamento. Colocando que o mito da democracia racial adquire um caráter de mandamento e que nenhuma circunstância deve ser admitido a discriminação racial no Brasil e que esse, visa camuflar e escamotear o racismo. E que quando internalizada a idéia da igualdade social reforça-se o sentimento de inferioridade do negro (Silva, 1987). Já a ideologia do branqueamento objetiva equalizar as diferenças culturais,

transformando negros e índios em um só povo vivendo sob a hegemonia da classe dominante ariana e branca— europeu (Ferreira, 2000).

Lopes, (1988), fala que falar sobre identidade é falar sobre cada um de nós, numa sociedade contraditória e que nega a existência do negro, que para ser homem deve ser branco, fazendo da identidade um problema.

No segundo capítulo, apresento como uma pesquisa foi elaborada. O objetivo desse trabalho de pesquisa de conclusão de curso, é o de investigar se a criança negra constrói sua identidade no contato com os livros de literatura infantil. Participaram dessa pesquisa sete crianças, sendo duas brancas e cinco negras (pretos e pardos) de uma EMEI na cidade de Campinas. A pesquisa é de caráter qualitativa, sendo um estudo de caso. Para a análise, escolhi três instrumentos: a leitura de dois livros infantis à turma, a análise de registros ilustrados pelas crianças e a construção de uma história coletiva com personagens negros e brancos. O procedimento utilizado fora o de colocar as crianças em roda para poderem ouvir as histórias contadas: Um clássico da literatura infantil escolhidas por elas; “Branca de Neve e os Sete Anões”; e outra específica ao trabalho com etnia, “Menina Bonita do Laço de Fita” – em dois momentos. Após cada leitura, fora pedido que as crianças desenhassem a história, mas colocando-se dentro dela, como quisessem. O espelho da Branca de Neve, tornou-se importante, a ponto de que pedisse que desenhassem como se viam, nesse espelho. Em um terceiro momento, pedi que as crianças construíssem quatro personagens dois brancos e dois negros e a partir deles, com os recortes no chão, ao centro, construíssem uma história que envolvesse esses personagens, realizando um trabalho coletivo e que todos, pudessem participar.

No terceiro capítulo, analiso o material coletado. Após as análises preliminares, percebi que há uma negação à identidade negra, que não permite-se colocar no lugar do branco. Isso ocorreu na história Clássica. Quando uma das crianças o fez, colocando-se no lugar do príncipe, identificou-se como negra porém, colocando seus cabelos loiros, como o ilustrado no livro. O conflito para a construção de sua identidade negra, ficou eminente: reconhece-se negro, mas valoriza estereótipos da beleza branca na caso, o cabelo. Em outro momento, uma das crianças pardas, ao não conseguir se identificar com nenhum dos personagens, desenhou-se como um “jogador de futebol” em meio à história. Isso reflete, os estereótipos dos negros, perpassados pela ideologia dominante. No livro étnico, o curioso se deu com as crianças brancas que identificaram-se no primeiro com a

“princesa” e nessa leitura, com o “coelhinho branco”, negando identificar-se com a criança negra. E até as próprias meninas pardas, não conseguiram se identificar com a personagem. Na construção da história. Aparecem estereótipos; a figura do negro com a presença apenas da mãe enquanto os brancos apareceram com o modelo da família nuclear; o poder econômica é atribuído aos brancos; o branco status social enquanto o negro é inferiorizado; a folclorização da figura do negro; a negação da identidade negra e a invisibilidade do negro na sociedade.

Enfim, no último capítulo realizo a conclusão da análises e algumas considerações finais para a educação, apresentando limites e perspectivas da pesquisa. Constatou-se através dessa pesquisa que crianças ainda pequenas, já apresentam preconceito em suas atitudes sociais em relação a sua identidade.

CAPÍTULO I

1.1 Racismo e preconceito no Brasil:

O processo de racismo e preconceito no Brasil tem suas raízes na história, pois foram construídos a partir de processos desencadeados com a escravidão dos negros. Esses dois conceitos estão interligados , mas se diferenciam. Segundo Guimarães (2004), o racismo é uma doutrina :

(...).”Racismo em primeiro lugar é referido como sendo uma doutrina, quer se queira científica, quer não, que prega a existência da raça humana, com diferentes qualidades e habilidades, ordenadas de tal modo que as raças formem um gradiente hierárquico de qualidades morais, psicológicas, físicas e intelectuais.(...)Ou ainda, o racismo pode ser definido como um corpo de atitudes, preferências e gostos instruídos pela idéia de raças e de superioridade racial, seja no plano moral , estético, físico e intelectual (2004,p.17).”

Assim, tendo clara a definição de racismo, o preconceito torna-se-á parte dessa concepção de raça. Ainda Guimarães (2004),diz que:

(...)”popularmente no Brasil , se diz que as pessoas têm preconceito de cor. Tais atitudes não necessariamente constituem ou derivam de uma doutrina. Podem formar, e geralmente formam, um simples sistema difuso de predisposições, de crenças e de expectativas de ações que não estão formalizadas ou expressas logicamente”(p.17).

O mesmo autor coloca que ainda há a discriminação racial, e diz que ela ocorre quando há uma manifestação comportamental no que define como preconceito, Ou seja são manifestas a partir de sistemas difusos de pré disposições, crenças e de expectativas de ações não formalizadas ou expressas logicamente.

Soligo (2001) através de um estudo interessante, considera o preconceito como sendo uma atitude negativa em relação ao negro, que engendra estereótipos, crenças, valores, sentimentos, julgamentos e disposições comportamentais integrados que atuam no sentido de desqualificar e excluir o contingente negro e que os estereótipos aparecem como fortes componentes do preconceito, e a imagem do negro que elas expressam relaciona-se a primitividade, agressividade, ruidosidade, religiosidade e ócio. E que o preconceito contra o negro não é uma atitude isolada, mas está associada a outros tipos de atitudes preconceituosas. Sendo que essas atitudes preconceituosas, são frutos de trocas sociais: cultura, influência do meio, educação e de relações cotidianas.

Ferreira (2000), coloca que para se compreender o processo de racismo é necessário entender o conceito de raças e etnias. Define raça como sendo populações que diferem significativamente nas frequências de seus genes e como subgrupos de pessoas cuja combinação definida de características físicas de origem genéticas e diversos graus de variação pela quais essas características se associam, os distingue como subgrupos de outros subgrupos do gênero humano, ou seja, como um desenvolvimento biológico. Enquanto define etnia como a classificação dos indivíduos em termos grupais, que compartilham uma herança cultural e social (costumes, idiomas, religião...) transmitidas de geração em geração. Coloca a discriminação a partir de conceitos anteriores, como sendo uma manifestação

comportamental do preconceito racial, considerando-o como um julgamento de valor, não espontâneo nem hereditário, construído culturalmente e destituído de base objetiva. E que o racismo é a categoria de uma prática institucionalizada e como uma prática de desvalorização da identidade, opondo-se ao direito de cada um viver seguindo um enraizamento comunitário.

Schwarcz (2003), discute através de seu artigo que não há a negação da existência do racismo no Brasil, mas que ele é sempre atribuído ao “outro”, seja por quem preconceitua ou de quem é preconceituado sendo difícil admitir a discriminação e não o ato de discriminar. O problema para ela é não se reconhecer o preconceito e que isto indica estar diante de um tipo particular de racismo, que é “silencioso e sem cara” e que lança para o privado o jogo da discriminação, se afirmando apenas na intimidade:

(...) “É da ordem do privado pois não se regula pela lei. É da ordem do privado pois não se afirma publicamente. No entanto, depende da esfera pública para sua explicitação numa complicada demonstração de etiqueta que mistura raça com educação, posição social e econômica. “Preto rico no Brasil é branco, assim como branco pobre é preto”, diz o dito popular. Não se preconceitua um vereador negro a menos que não se saiba que é um vereador; não se discrimina um estrangeiro negro enquanto sua condição estiver pouco especificada”. (p. 218)

A mesma autora, ao contrário de Ferreira (2000), diz que no Brasil é complicado se definir o tema raça por não haver regras fixas e modelos de descendência biológica. Acrescenta que estabelecer uma “linha de cor” é algo temerário no país, já que esta é capaz de variar em função da condição social, do local e da situação.

Entendido os conceitos que considero importantes, quero discutir como o processo de escravidão no Brasil contribuiu para a construção dessas idéias na sociedade, a partir do primeiro navio negreiro que aqui aportou por volta de 1552, dando início ao processo de escravidão no Brasil.

Segundo Lopes (1988), foi fundado no Brasil, por Martins Afonso de Souza, o primeiro centro produtor de açúcar, na Vila de São Vicente, atual São Paulo. Foram assim, trazidos para o país, os primeiros escravos africanos. Continuando, coloca que em 1550, desembarcaram em Salvador, Bahia, os primeiros escravos destinados aos engenhos de cana-de-açúcar do nordeste. Na década de 1570, no nordeste, se intensifica a vinda dos escravos, principalmente vindos do Reino do Congo, do Dongo e de Benguela. Em 1578, morre D. Sebastião e o trono de Portugal é ocupado por D. Henrique I. Mas, este também morre não deixando sucessor ao trono, que vago, é disputado e vencendo Felipe II da Espanha. Portugal passa a ser governado por um vice-rei, nomeado pela Espanha, que unifica Portugal com Espanha, em constante guerra com Holanda e Inglaterra pelo controle do comércio internacional. Como perdera grande parte de seus domínios, Portugal passa a investir no Brasil e Angola, que era fonte de mão-de-obra escrava.

Até então, os povos africanos eram vistos como diferentes, mas não como inferiores. Mas com o início da escravidão européia, esse conceito mudou.

Segundo Silva (2002), “o africano passou a ser considerado um ser sem alma, sem humanidade, mais próximo dos animais, instintivo e sem razão, um ser inferior, cuja escravidão se construiria em oportunidade de humanização e salvação”. A escravidão era vista como um processo civilizatório e que poderia humanizar e salvar esse povo, sem cultura e incapazes de progredirem sem o auxílio do povo europeu. Essa idéia foi defendida pelos continentes, chegando inicialmente

ao Brasil, que já haviam iniciado processo semelhante com os índios. Aos poucos, os negros iam sendo enviados ao trabalho forçado na lavoura e para os serviços domésticos e outros ofícios na cidade, nas casas dos dominantes.

Através dos séculos de escravidão, a relação que se estabeleceu entre os senhores de escravos e os próprios escravos, não eram pacíficas. As idéias racistas, que colocavam o negro como seres inferiores, foram sendo questionadas e surgiram movimentos entre os negros de resistência, como os quilombos, que eram comunidades isolados onde poderiam viver a cultura que traziam, em liberdade.

Lopes (1998) diz que no final do século XVI, escravos revoltados de um grande engenho de Pernambuco, dominam seus donos e feitores e ocupam a sede da fazenda. Sabendo que se ficassem não teriam como resistir à represálias, resolvem subir a Serra da Barriga. Embrenhados na floresta, erguem o “Quilombo dos Palmares”, considerado como o primeiro estado livre do Brasil. Muitos outros quilombos, ao longo da história da escravidão no país, foram constituídos por negros fugitivos, mestiços e outros. O autor coloca que “o étimo quilombo”, (...) é originário do quimbundo significando “união” ou “reunião de acampamento”. (p.139)

As idéias racistas perpetuavam a escravidão no Brasil. O preconceito contra o povo negro ia sendo construído, através da estereotipação dessa raça.

Silva(1995) coloca que:

“(...) preconceito e estereótipos são reafirmados no sentido de inferiorização do padrão estético, moral e cultural e todas as suas manifestações, especialmente a religiosa [...]. O negro é estereotipado como feio, mau, sem razão, instintivo e sem moral, de uma forma violenta e abrangente, pelos aparelhos de reprodução ideológica e instituições oficiais.” (1995, p.14)

Uma vez que esses preconceitos eram cultivados pela sociedade através dos estereótipos inferiorizantes, produziam na sociedade dominante a crença de que eram superiores à raça negra. A sociedade dominante desde o século XVI até o século XIX, contribuíram para que a ideologia do preconceito se expandir-se, permitindo-lhes a manutenção do poder e a exploração da mão- de- obra escrava, que até então, se afirmava como base da economia nacional.

No período colonial, não se reconhecia o negro como parte integrante do “povo brasileiro e que nem se reconhecia como povo”.

Rodrigues (2006), afirma que na visão das elites, “povo” era sinônimo de gente trabalhante para aumentar riquezas dos proprietários de terra. E cabia ao governo fazer o que fosse preciso para criar um povo laborioso a partir da matéria prima ruim _ a população negra e escravizada. Ou seja, o preconceito era visível, tanto ao “povo” quanto ao negro. No primeiro reinado, o mesmo autor aponta que houve uma ruptura na idéia de povo e na inserção dos africanos e seus descendentes. Havia uma necessidade de se reconhecer quem seriam os cidadãos brasileiros. Rodrigues, diz em seu artigo que haviam debates sendo realizados pelos membros da Assembléia Constituinte de 1823, que foram interrompidos e retomados em 1826. E que:

“(...) A disciplina dos trabalhadores e os supostos males causados pelos africanos, preocupavam deputados e senadores. Uma das propostas para a “melhoria” do “povo” era a miscigenação, capaz de homogeneizar os brasileiros e diluir a presença africana” (2006, p. 19).

Ou seja, percebe-se as primeiras intenções de uma política de branqueamento do “povo” africano no Brasil. Essa não era uma visão defendida por todos os políticos da época, pois haviam outras “violências” contra a raça negra, pois outros defendiam a “volta do povo para a África” ou ainda, excluí-los “como componentes do povo brasileiro”. Contudo, as sete propostas reforçavam as idéias racistas, pois não apontavam o reconhecimento dos negros como integrantes da população brasileira, da sociedade. Essas diferentes visões dos políticos do século XIX, geraram várias leis que vinham de encontro aos interesses da elite dominante, mas que eram justificados como interesses defendidos para o povo negro

Azevedo (1987) diz que o iminente político paulista José Bonifácio de Andrade e Silva, defendia o término do tráfico africano em poucos anos, colocando como necessidade “premente e essencial” para o país recém constituído. Ela também aponta, que em 1830, com a necessidade de se ter uma nação homogênea, Frederico Leopoldo C. Bulamarque defendeu a devolução dos negros a África, defendendo a seguinte questão:

“Convirá que fique no país uma tão grande população de libertos, de raça absolutamente diversa da que a dominou? Não haverá grandes perigos a temer para o futuro, se as antigas tiranias forem recordadas, se os libertos preferirem a gente da sua raça a qualquer outra, como é natural? Poderá prosperar e mesmo existir uma nação composta de raças estranhas e que de nenhuma sorte podem ter ligação?” (p.43)

A autora coloca que em resposta à essas indagações, que o próprio político responde:

“Não se pense que, propondo a abolição da escravatura, o meu voto seja de conservar no país a raça libertada: nem isto conviria, nem tão pouco à raça dominada. Os primeiros teriam a sofrer as reações, e os segundos teriam sempre a suportar os resultados de antigos prejuízos, que nunca cessariam a seu respeito”.
(Azevedo, 1987, p. 44)

Em 1888, é assinada a Lei Áurea que garantia aos negros a liberdade desejada, mas que baseasse nos interesses da classe dominante.

Lopes (1995), diz que a abolição da escravatura representou um aumento das necessidades dos escravos, mas que veio resolver problemas de suprimentos e organização da mão-de-obra e atenuar violência implícita nas relações escravo- senhor, principalmente da área cafeeira, mas que a “libertação legal” nada mudou na estrutura social, pois continuaram submetidos a situação de exploração total.

Fernandes (1965), introduz seu estudo dizendo que no Brasil, a degradação do regime escravocrata e senhorial aconteceu sem que destituí-se antigos agentes de trabalho escravo assistencialista e garantias para os proteger, na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos de responsabilidades, sem que a Igreja, o Estado ou outras instituições assumi-se- na, e assim preparando-os para o novo regime de organização da vida e do trabalho. Libertos, responsáveis por si e dependentes, não dispunham de meios materiais e morais para realizá-los frente a uma economia competitiva.

Talvez, essas explicações nos mostre porque no Brasil os ex-escravos, após a Abolição, ainda permitiram serem explorados. Até a vinda da Abolição, os negros escravos, não precisavam preocupar-se com a subsistência, pois estavam sob o julgo dos senhores. Após a Abolição, os ex-escravos, precisariam garantir a

sobrevivência e seu reconhecimento como parte integrante da sociedade brasileira. Integrados na sociedade, “alijada do processo competitivo com os trabalhadores estrangeiros, a população negra arranhou-se como pôde nos trabalhos menores: as mulheres nos empregos domésticos e os homens na estiva e atividades avulsas”. (Lopes, 1995, p.41)

Até a vinda da Abolição da escravatura, que não garantiria a sobrevivência e o reconhecimento do negro como integrante da sociedade brasileira e sendo esta uma sociedade racista, algumas tentativas surgiram para amenizar os problemas por eles enfrentados. Construiu-se a idéia da igualdade entre as raças, fazendo surgir o mito da democracia racial.

Segundo Silva(1995):

“O mito da democracia racial apregoa a igualdade de oportunidades para brancos, negros e mestiços. Ele contribui para camuflar a desigualdade racial, a discriminação praticada no acesso ao emprego e a consequente falta de oportunidades de adquirir a formação geral e profissional da maioria do povo negro, bem como a manutenção do seu lugar nas atividades consideradas inferiores, por isso, mal remuneradas”(p.17).

Silva (1995), ainda dirá que o mito da democracia racial interessava a classe dominante, porque era uma forma de confundir , escamotear até para o próprio negro a sua própria situação de discriminado e marginalizado. E que esse mito, acaba por permitir a mobilidade de uma minoria que paga o preço da perda de sua identidade.

Chagas (1996) discute que o negro é segregado, uma vez que a ascensão social é dificultada por razões históricas e estruturais e coloca que a mobilidade social do negro é de uma pequena minoria.

Silva (1988/1995) ainda nos contribui que o mito de democracia racial adquiriu um caráter de mandamento e que em nenhuma circunstância deve ser admitido que a discriminação racial existe no Brasil . E que esse mito , visa camuflar o racismo e bloquear a organização negra:

(...)” Uma vez que internalizada nos membros da sociedade, o engodo da igualdade de oportunidades, reforça os sentimentos de inferioridade do negro por não ter capacidade de aproveitar as oportunidades, transferindo mais uma vez para a vítima a culpa da miséria e marginalização”(p. 34)

A autora diz que através do mito da democracia racial conseguiu-se manter o negro subordinado socialmente, inferiorizado e sem oportunidades de se articular politicamente sem o grau de tensão das sociedades abertamente racistas.

Lopes (1995), através de seus estudos, diz que a escola pela mito da democracia racial, produz por si mesma o “daltonismo”. E que em consequencia o negro não teria identidade etnica, onde suas dúvidas e problemas seriam pensadas apenas no passado escravista.

Iniciei essa discussão, para deixar claro, como o racismo e preconceito, vem sendo construído historicamente em nossa sociedade. E como os negros, vão sofrendo violações na construção de sua identidade e no processo de afirmação social.

1.2 Identidade Negra

Identidade é a construção que cada um faz de si mesma como pessoa, nunca sendo igual porque é contextual e está ligada a situação de cada um (Lopes, 1998). Com essa concepção de identidade, é necessário compreender como ela fora construída pelos negros no processo histórico.

Após o período de escravidão, com o processo de construir seu espaço, de ser reconhecido pela sociedade e ter seus direitos garantidos, os negros passaram por muitas dificuldades principalmente, a de resgatar a identidade perdida. Lopes (1995) coloca que:

“Para o ex-escravo, a sua libertação legal foi um engodo; deixou o trabalho forçado para peregrinar pela ruas da cidade, sem que pudesse se colocar em condições de igualdade de competição com o imigrante recém-chegado que ganhava preferência, quer na zona rural, para o qual fora institucionalmente importado, ou na área urbana, onde, aos poucos, ia assumindo as mais variadas atividades, desde a mais modesta, regularmente remunerados, até as de caráter liberal.”
(p. 41)

Os trabalhadores negros tiveram que enfrentar os trabalhadores brancos, o que os levariam a assumirem trabalhos de menor posição social, e quando os conseguiam. Essa situação geraria problemas sociais de reconhecimento da identidade negra, o que já não era facilitado pela condição em que viviam..

Fonseca(2002), coloca que houve anteriormente a abolição da escravatura uma tentativa de se garantir a educação dos negros, a fim de se constituir como elemento essencial às mudanças em curso no final do século XIX, a qual

chamou de políticas públicas. Mas aponta um fato que viria a não propiciar efetivamente essas políticas, pois diz que:

“A valorização da educação dos negros não ocorreu sem ofender os interesses dos proprietários de escravos, que apesar de tenderem a reconhecer a importância dessas práticas, estavam muito mais propensos a tentar a todo e qualquer custo, garantir as margens de lucros proporcionadas pelo trabalho não-remunerado (...)” (p.181)

Assim, com essas ações educativas não efetivadas, os negros livres não garantiriam socialmente, as expectativas de mudança do papel de trabalhador explorado, e não conseguiriam visualizar o que viriam a enfrentar.

Fonseca (2002), diz que ao enfrentar a necessidade de abolir o trabalho escravo, as expectativas dos setores dominantes era o de manter os negros nas mesmas condições, ou seja, postos baixos e sem prestígios em relação ao processo produtivo e ainda buscava-se manter a hierarquia social e racial, que caracterizava a sociedade.

Entre 1900 e 1950, o Brasil “o mito da democracia racial encobriu o preconceito e tornou mais difícil o combate efetivo da injustiça para com os indivíduos e grupos étnico-raciais diversos e do branco-europeu. Essa falsa visão, foi sustentada por muito tempo ocasionando uma falsa visão de “democracia racial”. E essa visão, geraria para o negro, problemas em reconhecer em sua raça, a própria identidade porque passariam por um processo de desvalorização social. A identidade da pessoa negra traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de serem objetos de uso e como instrumento de trabalho. (Ferreira, 2000).

Todo o processo histórico vivido pelos negros traz a tona, a discriminação racial ao qual foram submetidos e que vergonhosamente, de forma escamoteada, foram aniquilando a identidade de uma raça. Silva (1995), comenta que:

(...) “procurou-se internalizar no próprio negro e na sociedade em geral, a noção de inferioridade natural do negro, ao tempo em que se promovia a raça branca como modelo de humanidade e perfeição”(p.26) identificar-se com o grupo ao qual são atribuídos qualidades, a pessoa provavelmente teria mais facilidade de desenvolver uma identidade positiva e sentimentos de valor em relação a si próprio. No entanto, torna-se problema quando o indivíduo precisa negar ou distorcer aspectos pessoais compartilhados, que geram uma imagem negativa. (Ferreira, 2000).

Essas idéias foram se propagando pela sociedade , ao longo do tempo. E como já aponte, houvera interesses entre os políticos brasileiros de promoverem a purificação da raça negra através da miscigenação, mas essas idéias uma vez encrustadas na sociedade, trouxeram problemas aos negros. Formou-se uma ideologia em torno do problema de embranquecer a nação, chamada de ideologia do branqueamento. Essa ideologia, segundo a autora, objetivava equalizar as diferenças culturais, transformando negros e índios em um só povo, vivendo de forma harmônica e concensual, sob a hegemonia da classe minoritária dominante, ariana e branco-europeu. Portanto:

“Essa ideologia, e o mito da democracia racial pareceu ter como causa fundamental o medo que a minoria branca brasileira tem da maioria negra e mestiça e do possível antagonismo a ser gerado a partir da exigência de direitos de cidadania e de respeito às diferenças étnico-culturais. Isso porque a aceitação democrática das diferenças pressupõe igualdade de oportunidades para os segmentos que apresentam padrões estéticos e valores sócio-culturais diferentes. Então, o respeito as diferenças implica nessa reciprocidade na igualdade de relações. Como não é possível estabelecer relações recíprocas de direitos e respeito com um sistema baseado na exploração do outro, desenvolve-se toda uma ideologia justificadora da opressão e inferiorização, objetivando a destruição da identidade, da auto-estima e do reconhecimento dos valores e potencialidades do oprimido”. (Silva, 1995 p.25)

Os negros sempre estiveram em condições sociais inferiores aos brancos. Daí, a perpetuação da ideologia de inferiorização da raça negra, que gerou toda a dificuldade de se reconhecerem como um povo de cultura própria e portador de uma identidade. O negro foi aos poucos, incorporando a cultura branca e rejeitando sua própria cultura, apropriando-se de conceitos que reconheciam a superioridade do povo branco, aprendendo a comportar-se como eles e a rejeitar sua própria imagem.

Essa rejeição, da imagem, é caracterizada como a construção dos estereótipos do povo negro. Silva, (1995), fala que “o negro é caracterizado como feio, mau, sem razão, instintivo e sem moral, de uma forma violenta e abrangente, pelos aparelhos de reprodução ideológicos e instituições oficiais”. (p. 14)

Toda sociedade é responsável pela divulgação dessa ideologia, que destrói a identidade negra. Ao mesmo tempo em que se tenta equalizar as diferenças culturais, tenta-se “branquear a nação”. Chagas (1996), relata que a “discrepância entre o que é e o que deseja ser, deixa um “hiato”, já que a pessoa não é branca e não consegue ser negra” (p.35).

O autor ainda diz que essa condição deixa a pessoa mais vulnerável a ideologia do embranquecimento, sendo uma fase perpassada de sofrimento, inferiorização, baixa -estima e inaceitação dos traços característicos da raça (negra). Que para atingir uma identidade positiva do negro, implica em conquistar a identidade segundo três dimensões, baseadas em Goffman: “a identidade social”, categorias e atributos que os outros conferem ao indivíduo; ‘ identidade pessoal”, dados e itens biográficos; “ identidade do eu”, as concepções e sentimentos que o indivíduo adquire em relação a si. E que estas dimensões de identidade, estão em constante movimento.

Lopes (1988), identifica na educação e na identidade da criança negra, o que também creio possa ser estendido aos adultos negros, que:

“Falar da identidade é falar sobre cada um de nós. Numa sociedade absolutamente contraditória como a nossa, que nega a existência do negro e que diz que para o educado entender, muito cedo , que para ser homem, ele deve ser branco, a identidade passa a ser um problema”(p.53)

O negro vai perdendo seu referencial, a partir do momento em que se apropria de culturas, hábitos alimentares, religião, vestimentas, vocabulários, entre outros, que não são seus, de seu povo. Enquanto o estereótipo negro é desvalorizado, existe uma valorização muito grande do estereótipo branco, que acaba reforçando as diferenças entre brancos e negros, gerando conflitos de atitudes sociais, culturais e morais.

Esses conflitos atitudinais do negro no ambiente social, constroem sobre as inúmeras influências recebidas pela convivência em uma sociedade que valorizava os estereótipos arianos e branco- europeu, como já discutimos.

Segundo Xavier (1995), quando o negro busca se ver no meio social, ele não se identifica, os meio social seria como “um espelho de vampiro: o negro olha e não se vê” (p.78)

A imagem do negro na sociedade, segundo o autor, está carregada de negatividade, distorções, estereótipos e infantilismo.

1.3 A IMAGEM DO NEGRO NA SOCIEDADE:

Percebendo o quanto vivemos em uma sociedade racista, a imagem do negro é reproduzida mediante a ideologia dominante. Chagas (1996), contribui-nos dizendo que: os meios de comunicação, notadamente nos livros didáticos, revistas e TV, negam ao negro a condição de se ver representando de forma digna e valorizativa, através de pessoas de sua raça (...)”(p.35)

Soligo (2001), em estudo realizado por ela em 1998, enfocava as representações do homem negro, homem branco e mundo, expressa em letras de RAPS nacionais elaboradas por grupos negros. Conclui que encontrou nas letras, o branco identificado com o poder, o dinheiro, a corrupção, a moda, os bens sociais. Enquanto a imagem do negro ligava-se a pobreza, violência, criminalidade, ou seja, a exclusão. O mundo do branco, segundo a autora, refere-se a clubes e escolas particulares e o mundo do negro, a rua e favela. E as letras dos RAPS analisados, carregam uma visão trágica e realista da situação do negro na sociedade.

Lopes (1998), aponta que o problema do preconceito “está introjetado dentro de nós a cada dia, a cada instante, através dos meios de comunicação de massa” (p.54)

A herança que os negros livres receberam dos escravos fora aniquilada pelos brancos a ponto de não ser recuperada, enquanto forma específica da subjetividade negra. Tendo a cultura destruída pelos brancos, os negros passaram a incorporar a imagem do “onipresente branco” e ainda, “aceitaram a imagem de negro e a ideologia de convivência inter-racial desenvolvidas pelos brancos; definindo como projeto a inautenticidade, motivados pela ideologia do branqueamento” (Cardoso, 2003, p.324).

Há uma ideologia inferiorizante, no reconhecimento do negro na sociedade. Silva (1995), diz que essa ideologia da inferiorização causa auto-rejeição e a não aceitação de outro assemelhado étnico e a busca do branqueamento internaliza nas pessoas de pele clara, o que os levam a se afastarem deles, mesmo reconhecendo a situação social ao qual o negro está inserido.

Xavier (1995) aponta em seu artigo que se imaginarmos a televisão com a função de formar e introduzir nos indivíduos noções de cidadania em uma sociedade desigual como a nossa, dificilmente se abstrairá as “nuances políticas-existenciais” entre os que a aspira (negro) e o que a vive (branco), gerando uma prática de estímulo dos valores e degenerescência dos valores éticos e morais, influenciando diretamente na imagem social do negro.

O autor ainda faz outra crítica as linguagens visuais:

“Os elementos sublimadores das linguagens visuais possibilitam a conformação da sutilidade do racismo à brasileira, inclusive como se opera no nível da

aparência, destituindo-se a essência do vínculo com a vida, “caricaturas de homens” (...) o recurso da ambiguidade cria situações de perspectivas de mudanças e equiparação do negro ao branco, mas geralmente subjaz a idéia de um conformismo pré-histórico do negro, através da exaltação da sua honestidade exemplar, contida em personagens de caseiro vitalício e hereditário ou na assepsia da doméstica adiposa cheia de varizes, com a previsível fala da personagem , como se fosse da família”(...) (p.74)

Baseada nos autores, percebemos como a imagem do negro vai sendo deturpada, a favor dos ideais brancos, que “mascaram, escamoteiam”, a realidade social do negro, pregando através da “sutileza” as idéias racistas e inferiorizantes. Se aos adultos, perceber essa “rede” que se constrói sobre a construção permissiva da imagem social do negro é difícil como toda essa situação influencia a construção da identidade da criança negra? Como ela se percebe, ou seja, qual a imagem que constrói de si?

1.4 A IMAGEM DA CRIANÇA NEGRA NOS LIVROS DIDÁTICOS E DE LITERATURA INFANTIL:

Ferreira (2000), baseado em Hutz, diz que os estereótipos, em relação à pessoa negra, já são desenvolvidas desde a época escolar. E que, investigando as atividades de crianças com relação à cor da pele, conclui-se que as crianças brancas atribuem à ações socialmente desejáveis a personagens brancos, em história a elas narradas, e ações indesejáveis à personagens negros.

Toda criança em algum momento de sua vida, entra em contato com o mundo da literatura infantil, quer seja no ensino infantil, no fundamental, agregando a essa fase, os livros didáticos. Ou ainda, na família ou outros meios sociais.

As crianças desde cedo, entram em contato com o mundo literário escrito ou ilustrado. Para a criança negra, esse primeiro contato com a literatura infantil pode tornar-se um problema para a construção e sua identidade, de reconhecer-se nas imagens ilustrativas.

Nos livros didáticos, os negros aparecem estereotipados. Silva (1995) diz que o livro didático reforça as relações raciais baseadas na discriminação, apresentando como natural o tratamento desigual dessas relações, porque:

“Além de internalizar e reproduzir o tratamento em relação ao negro, o livro didático expande a invisibilidade do povo negro, uma vez que este é quase ausente nele (...) A figura dos negros, não aparecem constituindo agrupamento, multirões, família e casais. Ele é representado como minoria em grupos majoritariamente brancos (...)” (p.68)

O negro é menosprezado nas representações ilustrativas. Essa relação é percebida pelos negros, num processo de internalizações que influencia sua identidade. Percebemos a ideologia do branqueamento, nessa relação desigual que se dá pelas representações do negro. A criança negra, mesmo que não perceba de forma explícita, internaliza essas representações, pois fica atenta às imagens que a representa.

Silva (1995) coloca que “a criança raramente é retratada na escola. Ela aparece brincando ou trabalhando nas ruas, que nunca tem nome, é chamada por apelidos ou por sua cor (negrinho).” (p.32)

Pinto (1995), fala que o material didático e paradidático denunciam imagens deturpadas e estereotipadas em relação ao negro, da sua cultura, dos seus antepassados, da sua participação nos acontecimentos nacionais e a sua ausência como personagens de “histórias”. E que é desfavorável a criança negra, pois evocam brincadeiras dos colegas depreciativas a sua condição racial, apelidos desabonadores, descrença em sua relação e ao segmento negro.

Santos (2005), coloca que os textos definem desde quem é bom e quem é mau, quem é bonito e quem é feio, quem é rico e quem é pobre, quem dá ordem e quem é comandado, sempre relacionando o bom com o bonito, rico e poderoso. Os negros nunca se encaixam no padrão perfeito, ficando com os piores papéis, embora isso não sendo uma verdade.

Soligo (2001) através de sua pesquisa constatou que o preconceito é uma atitude de brancos e também de negros, que aprendem desde a infância o lugar que lhes é reservado na sociedade e acabam constituindo uma auto-imagem negativa, que reproduz estereótipos que as instituições, a mídia, a cultura foram construindo ao longo dos anos.

A criança negra necessita perceber-se como parte integrante da sociedade, e a construção de sua identidade torna-se fundamental para esse processo. Ela precisa perceber a identidade do “eu”. Rosenberg, após seus estudos conclui que as discriminações nos livros de literatura infantil apresentam relação opressor-oprimido, onde o branco é valorizado em atributos sociais e os negros são inferiorizados (Santos, 2005)

Os livros didáticos continuam a manter o padrão discriminatório, evidenciando em gravuras e textos a raça negra em desempenhos desvalorizativos ou omitindo a figura do negro. O autor conclui que:

“Alertando o dano que essa prática provoca contra o negro, especialmente a criança negra, em pleno momento de evolução, estaremos contribuindo para devolver ao negro o direito de ser diferente” (Chagas,1996, p.29)

Chagas (1996) afirma que nos dias atuais, as crianças de três anos brancas, não querem se sentar com as crianças negras, nas pré-escolas. Então, essas crianças tão pequenas, são influenciadas pelo racismo e preconceito, realizando práticas discriminatórias, mesmo que de forma inconsciente.

Crianças pequenas, inseridas na educação infantil, tem acesso à livros de literatura infantil, onde realizam leituras através das imagens, ou que à elas são narradas. Sabemos que podem agir de forma negativa os livros em suas ilustrações e textos discriminatórios, mas como a criança negra percebe isso? Será que percebe? As ilustrações dos livros infantis ou as histórias narradas podem exercer influências na construção da identidade de crianças tão pequenas? Qual a influência desses personagens à criança negra?

São algumas perguntas, que desejo responder, com a pesquisa realizada, mas não antes esclarecer, a importância da literatura infantil com um olhar para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

1.5 LITERATURA INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE :

A literatura infantil está sendo construída dentro do imaginário humano, ao longo de muitos séculos. Surgiu, com a necessidade de uma época e dos ideais

sociais e políticos de seus escritores. Assim sendo, diversos tipos de literatura infantil, estão hoje ao alcance de nossas crianças.

Ao manipular os livros, ouvir as histórias, entendê-las e estabelecer um diálogo de sentidos com elas, as crianças vão se formando leitoras, mesmo que de forma indireta, para aquelas que ainda não dominam o processo de leitura. Fazem sim, uma construção particular de mundo, onde podemos observar a riqueza da cultura infantil construída por elas.

A criança na educação infantil, realiza a leitura individual através das figuras ou de representações gráficas.

Lúria (1998), coloca a importância da pictografia para a criança em sua evolução psicológica e que não pode se confundir a história das marcas gráficas, com a história dos sistemas de marcas linguísticas interpretadas. As crianças se apropriam do processo de leitura e o fazem com competência, atribuindo-lhe sentido, sequência lógica, começo-meio-fim, utilizando da criatividade, do imaginário e de uma leitura própria das imagens.

Bettelheim (1980), acrescenta-nos que os contos-de-fadas contribuem para o desenvolvimento psicológico da criança e que representa um desenvolvimento saudável, com suas angústias e conquistas. E que representaria sob forma imaginativa, o que consiste o desenvolvimento humano e o que o torna atraente para o seu engajamento nele

Abramovich (2005), diz que é importante a qualquer criança ouvir muitas histórias e que escutá-las, é o início para a aprendizagem do leitor. E que ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo, também que:

“(...) É suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (...) é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções, a que todos vivemos e atravessamos.”(p.17)

Continuando, a autora coloca que devemos ficar atentos a estereótipos, estreitadores da visão das pessoas de sua forma de agir e de ser. Devemos ajudar as crianças leitoras a perceberem esses estereótipos nas imagens e a verem que apesar de um visual bonito nos livros, devem estar alertas de que os preconceitos são transmitidos, não só através de palavras como também de imagens.

Chartier (1996), fala que cada leitor é um, cada um manipula a leitura de uma forma, por não saber ler, por não querer ou por não poder fazê-lo. Tal fala confirma que a criança na educação infantil e que não lê ainda, é leitora e sabe interpretar através das imagens, as mensagens ali contidas.

Vieira (2005), diz que o “conto-de-fada, é um estímulo encorajador na luta da vida, em que se valoriza os princípios éticos na relação com o outro: o mal é denunciado e o bem é valorizado”. Também fala que o conto-de-fada, faz uma ligação entre o consciente e o inconsciente, tomando sentido simbólico nos processos psíquicos individuais. E para que tudo isso ocorra, coloca em seu texto, que todos os envolvidos com a leitura devem ter um “desenvolvimento pessoal e com seu inconsciente, para poderem favorecer o encontro da criança com seu mundo interno.”

Ferreiro(1998), diz que quando a criança realiza um ato de leitura, basta olhar para produzir linguagem e que é isso é um ato mágico! Que trata-se de uma linguagem peculiar, bem diferente da fala, onde que quem lê não olha para si, mas para o outro, para a página ou qualquer outra superfície sobre a qual há formas

impressas. E ainda que, o leitor é um ator que empresta sua voz a um “outro” e que, a leitura é um grande palco onde é preciso descobrir quem são os atores, os “metteurs en scène” e os autores. A intervenção do interpretante é essencial na transformação de um objeto opaco (as marcas como objetos físicos) em um objeto simbólico (marcas que evocam a linguagem). As linguagens, contribuem para a formação geral das crianças e aqui, aquela que nos interessa, ou seja, a formação da identidade das crianças.

Santos(2005), diz que os professores e pais precisam de muito cuidado na seleção dos livros que irão fazer parte de seus alunos/filhos . As crianças não são apenas reprodutoras de cultura e dos valores passados pela literatura, mas são criadoras dos valores culturais. Pensar no que se quer formar, que tipo de preconceito queremos eliminar é selecionar de forma consciente e política os livros de literatura.

OBJETIVOS

- **OBJETIVOS GERAIS :**

Analisar como os contos infantis trazem contribuições ou não, para a criança negra (pretos e pardos) construir sua identidade na relação com os livros de literatura infantil.

- **OBJETIVOS ESPECÍFICOS :**

- 1) Analisar o preconceito racial no Brasil a partir da construção da identidade das crianças;
- 2) Avaliar o preconceito, a partir da relação estabelecida pelas crianças, com as imagens dos livros de literatura infantil;
- 3) Verificar se há diferenças entre as relações de identidade estabelecidas nos materiais coletados, entre crianças negras (pretos e pardos) e brancas;
- 4) Analisar se crianças tão pequenas, expressam preconceito racial E como acontece;

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1 Participantes:

Para analisar, como a criança, na construção de sua identidade utiliza elementos da literatura infantil, escolhi um pequeno grupo de crianças, sendo: cinco crianças negras (pretos e pardos) e duas crianças brancas. Todas têm a mesma idade, 6 anos e convivem juntas, dividindo o mesmo espaço de socialização.

O local da coleta de dados, foi uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), na cidade de Campinas/SP. A EMEI localiza-se na periferia da cidade, na região do Distrito Industrial de Campinas conhecida como DIC. Nessa região, há uma grande concentração populacional de negros (pretos e pardos), geralmente, trabalhadores assalariados de baixa renda. A U.E. localiza-se em um bairro construído na década de 1980, para atender a necessidade de moradia da população de baixa renda. Com o tempo, ao redor, houveram muitas áreas ocupadas através de invasões de terras e loteamentos clandestinos, que apresentam déficit no saneamento básico local e muitos projetos de assistência social, à família e as crianças.

A EMEI funciona há 20 anos, em um espaço de 60m², composta por: uma sala para as crianças, um refeitório, três banheiros (1 para funcionários), uma pequena caixa de areia com um balanço, uma horta e um pequeno jardim na entrada e o espaço externo (pátio) limita-se à um corredor largo cimentado. E é nesse espaço

que as crianças socializam-se, pois há apenas uma sala por período. Há 26 crianças, sendo através do censo escolar/2006: duas crianças negras, cinco crianças pardas, uma indígena e dezoito crianças brancas. Esses dados étnicos, obrigatoriamente, constam no prontuário das crianças e realiza-se pelos pais no ato da matrícula.

A escolha das crianças, foi por pertencem ao meu grupo, onde leciono à tarde e por através de alguns registros das crianças, ter percebido que são crianças que gostam do cantinho da biblioteca e que sempre estão lá. Base-ei-me também, pelo censo escolar de etnia e da divisão grupal que realiza. Sendo assim, as crianças negras (pretos e pardas) foram selecionadas não levando em consideração o sexo. As crianças brancas, foram selecionadas a partir de mais duas variáveis: a aproximação contínua com o grupo de crianças negras e a outra, pelo distanciamento à alguma dessas crianças. A última, quando indagada pela razão do distanciamento de crianças negras, não consegue apontar um motivo, dizendo que apenas não gosta do(a) amigo(a). A inclusão das crianças brancas, têm o objetivo de enriquecer esse estudo, trazendo a comparação real da construção da identidade, entre as crianças de diferentes etnias e por que a identidade se constrói na relação com o outro.

2.2. PROCEDIMENTOS E MATERIAIS COLETADOS :

A pesquisa foi qualitativa, pois permitiu o confronto entre os dados coletados, as evidências, relação entre as diferentes etnias e os aspectos teóricos sobre o negro no Brasil. A proposta de abordagem será o estudo de caso, específico de um grupo de crianças negras (pretas e pardas) e duas brancas, pois permitiu a

|

exploração, delimitações e análise documental, que ocorreu através dos materiais produzidos pelas crianças relacionadas à literatura infantil e identidade, pois se constrói em uma fonte estável e rica, complementando as informações teóricas iniciais, indicando problemas e expressões dos participantes.

Após a escolha de como realizá-la, parti para a coleta dos materiais. Escolhi quatro instrumentos, por este tema ser complexo, pois uma quantidade maior de materiais possibilita a validades das análises a serem realizadas.

O primeiro instrumento a ser empregado, foi a escolha de uma história clássica, de fácil acesso a biblioteca da sala, pelo qual as crianças demonstram interesse, e foi indicado através de conversas realizadas com as crianças sobre a literatura infantil de que gostavam. A história clássica escolhida foi da “Branca de Neve e os Sete Anões”, a qual foi narrada as crianças em roda, mostrando-lhes as imagens, pois fora pedido que ilustrassem essa história, mas tentando identificar-se com um dos personagens do livro. Essa fala fora explicada várias vezes ao grupo, para que compreendessem o que estava sendo proposto.

A segunda, surgiu com a dificuldade das crianças em compreenderem a proposta inicial. Pedi então, que ilustrassem a si mesmos, como se estivessem se vendo no espelho mágico da história da Branca de Neve. As crianças não apresentaram dificuldades de compreensão nessa proposta.

A terceira proposta, fora a escolha pelas crianças de livros específicos de literatura infantil que abordem a questão da etnia negra. Dentre as disponíveis da biblioteca de sala, fora escolhido o livro “Menina Bonita do Laço de Fita”. É a história de uma menina negra que interage com um coelhinho branco, que deseja ter uma filha pretinha como a menina. Na literatura, as crianças demonstraram muita simpatia pela história, rindo das falas dos personagens e das situações que são

vivenciadas pelos personagens. Retrata a questão da etnia, a miscigenação como ocorre e ainda aborda na personagem da menina, questões de identidade. Após esse processo, fora pedido novamente, que as crianças se identificassem na história através de alguns dos personagens. Dessa vez, a compreensão fora facilitada pelos processos anteriores.

A última técnica empregada, foi a construção coletiva de um texto pelo grupo, a partir de quatro personagens aos quais sugeri serem brancos e negros, onde as crianças determinaram serem: pai e filha brancos, mãe e filha negras. Após a história construída, ofereci em outro momento revista em que o pudessem realizar vários recortes e caracterizar os personagens construídos, também que iríamos encontrar ali, algumas coisas, roupas e brinquedos para construirmos um livro com a história. Isso fora construído com as outras crianças selecionadas. O interessante fora que nessa construção, as crianças utilizaram de vivências do seu cotidiano para o compararem, trazendo para aquela proposta, um ponto de vista particular de grupo. O resultado fora além do que havia previsto anteriormente.

CAPÍTULO III

3.1. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS ::

A questão racial é uma questão histórica e de cultural. As crianças estão inseridas no meio social, sujeitas a construir sua identidade, a partir dessa convivência social. As crianças reproduzem os conceitos internalizados, através de diferentes linguagens e utilizadas na coleta dos dados que quero verificar os conceitos históricos e culturais do racismo, que permeiam a construção da identidade negra nas crianças.

Ao contar a história da Branca de Neve e os Sete Anões, percebi que todos os personagens são brancos, caracterizados nos moldes europeus. O próprio nome da personagem, reforça a identidade branca, reforçando-a duas vezes, uma de forma explícita, branca e a forma implícita, neve (que também é branca). Os anões e a madrasta para ser caracterizada como má, está rodeada de lugares sombrios (escuros) e roupas pretas. Há ainda, o espelho, que também tem o fundo preto e o personagem ali dentro, tem o rosto branco, pertencente à madrasta e que relaciona-se a algo mágico, bruxaria. Existe uma valorização do estereótipo branco associando-os a bondade, doçura. Quando relacionado a maldade, não perde a característica física branca-européia, mas ganha os aspectos escurecidos, pretos. É uma forma racista de desprestigiar a raça negra, utilizando-se da sutileza para pregar as idéias racistas e inferiorizantes, deturpando a imagem do negro (Xavier, 1995).

Silva(1995), coloca que o negro vai sendo estereotipado como feio, mau, sem razão, instintivo e sem moral, através de aparelhos de reprodução ideológica. E o livro aqui, torna-se esse instrumento, pois há a degradação da cor preta, atribuída ao negro.

Após essa análise, indago-me como as crianças se identificaram com os personagens? As crianças brancas “L”. e “A”, não tiveram dificuldades em reconhecer-se com a personagem central desenhando-se ativas e em meio à natureza “bela e clara” apresentada nas páginas do livro, quando a personagem estava feliz! As crianças negras (pretas e pardas), apresentarem diferenciações: a criança negra “R”. identificou-se com o personagem, porém, apontou-se como branca, não conseguindo levar para a ilustração, sua condição de negra. Outro ponto interessante observado, é que ao lado da personagem desenhada com expressões tristes, havia um “coelhinho marrom” com a expressão muito feliz. O mesmo ocorre com a criança negra “T”. que ao buscar sua identidade no livro, ilustrou-se como branca ao lado de um príncipe também branco, parecendo a esta criança ser impossível representar-se como Branca de Neve Negra! Outros conflitos aparecem na proposta 2, do espelho mágico, com as crianças negras “R” e “T”. A última, se pôs ativa e reconheceu-se em sua condição racial, o mesmo faz a primeira, embora tenha se refletido com o rosto azul, ao invés de marrom ou preto, considerando-se que escolhera uma cor escura para a ilustração de sua identidade. Por que então, na história as crianças negam a cor negra, e ao se olharem no espelho, a condição negra aparece?

A criança negra “P”. conseguiu representar-se como negro na primeira proposta, colocando-se como príncipe, apesar de representar-se como estivesse voando a abaixo de um outro personagem branco, ao seu lado. A criança negra “M”

ao realizar a primeira proposta, coloca-se também longe de onde determinara ser o solo, mas identificando-se como negro e principalmente ao seu lado, a representação da princesa que sai do solo e ultrapassa a figura do príncipe, aparecendo a figura negra inferior à branca. Outro ponto observado, é o conflito de referências, onde a criança se coloca como negra, mas desenha seus cabelos longos e os pinta de loiro (amarelo), características brancas do príncipe da história. Na proposta dois, a criança reconhece-se como negra, mas representa-se menor, quase anão, diante do espelho e não apresentando expressões faciais. A criança negra “B”, representou-se como um “jogador de futebol” em meio à história e aos personagens de um príncipe e de um caçador. Identificou-se como negro, mas sem referencial à história. Na proposta 2, repete o conflito da criança negra “M”, mas não se reconhece como negro e agora, aponta expressões faciais em si. Parecendo que ser negro é omitir, anular as expressões, é tornar invisível sua identidade negra e só revelá-la quando o momento lhe favorecer à estar na condição dos brancos. A mim, parece haver nessa criança a valorização do estereótipo branco, e a desvalorização do negro, que só consegue ver a si na sociedade representado por “jogadores de futebol”, geralmente negros e valorizados pelas habilidades de sua “raça”, sem aparecer outras características a não ser esta e que se aparecem, são em forma de sátiras e degradação da imagem do estereótipo negro.

Para as crianças brancas “A” e “L”, não houve problemas em identificar-se com a personagem, que também era branca. Em suas ilustrações reconheceu-se como princesas. Mas, essa busca para as crianças negras, gerou conflitos.

As crianças negras (pretas e pardas) que não conseguiram se identificar como negras, apresentam a negação da existência e de sua condição negra, pois ser

negro é um problema (Lopes, 1988). E essa idéia acaba sendo reforçada pela ideologia do branqueamento, quando as crianças se desenham como brancas, negando-se como negras, a favor de poderem identificar-se na história e aproximar-se com o estereótipo branco. Vemos isso também, quando a criança negra aparece sem expressão facial no desenho da proposta e que não corresponde a sua identidade, e quando aparece como branco, na proposta 1, representa em si , expressão facial. É uma negação ao direito de se enxergar como negro no meio social e que para fazê-lo, para ser aceito como “belo”, deve se ser branco.

Xavier (1995), diz que quando o negro se busca ver no meio social, não consegue identificar-se, sendo esse meio como um espelho de vampiro: onde o negro olha e não se vê. A ausência da expressão da criança negra, diante do espelho, confirma essa afirmação. E o fato de que para se ter expressões faciais precisa refletir-se como o branco, nos mostra o quanto a ideologia do branqueamento prejudica a construção da identidade negra. A “discrepância, entre o que se é e o que deseja ser”, já que não se é branca e não consegue se ser negra coloca a criança em situação de vulnerabilidade à ideologia do branqueamento, causando sofrimentos, conceitos de inferiorização, baixa auto-estima e inaceitação das características das raças (Chagas, 1996).

As afirmações dos autores vão aparecer nas questões analisadas onde as crianças se negam a serem negras, colocam-se abaixo do branco e menor do que deveriam ser representadas, ainda, deixando-se sem rosto. Aliás, a expressão triste da princesa e a do coelhinho marrom e feliz ao seu lado , relaciona-se a um conflito da criança, pois se identifica como a princesa branca, mas triste, contrapondo-se ao coelhinho marrom, que seria uma referência à cor negra, como feliz (algo positivo), ao mesmo tempo, que inferioriza-o à condição de animal irracional, inferior à

condição humana. A questão que faço sobre as crianças “R”. e “T”. , que na história não se reconhece e no espelho se veem como negras, uma ativa e a outra, menor que o espelho, traz a facilidade que a criança tem em reconhecer-se, individualmente, só para si, como negra. Como discutimos com (Xavier, 1995), o espelho pode ser perverso quando reflete o meio social ou como encontramos no caso das duas crianças, uma forma de se ver e se identificar, valorizando-se como negra, mesmo de forma inconsciente e só para si. Ao meu ver, as duas formas são perversas, são espelhos de vampiros, pois permitem que o negro não se veja, não se reflita. Fazê-lo, seria violar a sociedade racista em que vivem, então, o fazem para si, onde apenas eles se veem, tornando-se invisíveis à sociedade. Confirma-se a relação opressor-oprimido a qual Rosenberg (Santos, 2005) conclui haver nos livros de literatura infantil e que apresentam a valorização do branco e onde os negros são desvalorizados na sociedade.

Na proposta 3, utilizando-se do livro: “Menina do laço de Fita”, as crianças apresentavam aspectos relevantes à análise. As crianças brancas “L”. e “A”. ao desenharem-se para reconhecerem na história, identificaram-se com o coelhinho branco da história e em nenhum momento, elas registraram a menina negra, tão pouco, a coelhinha preta. A referência de ambas ao coelho branco, mesmo sendo de sexo oposto ao delas, não foi motivador para se identificarem com ele, mas o mesmo não ocorre em relação à coelhinha preta ou a menina negra. Lembremos que, na proposta 1, ambas se identificaram com a “princesa Branca de Neve”. A Criança “R”. identificou-se com a personagem negra da história, mas uma vez, ao ilustrar-se pintou seus cabelos de preto e utilizou desta vez o verde para pintar seu corpo. Como discutimos anteriormente, existe nessa criança um conflito interno entre saber que é negra e a aceitar sua condição de negra. Outra criança, a “T”, identificou-se

com a coelhinha preta e não com a menina negra (personagem principal). Sendo parda, aparece a recusa de reconhecer-se com a personagem negra, dando-me a entender que, a aproximação com o estereótipo branco lhe é mais conveniente. A questão da miscigenação foi em uma época nesse país, uma solução para branquear a nação (Rodrigues, 2006). Mas ainda está enraizada na cultura do povo brasileiro, pois leva a falsa ilusão de ser melhor aceito socialmente quando se é branco.

Continuando as discussões da proposta 3, as crianças “P”. , “B”. , “M”. , estabeleceram relações de identidade com a coelhinha preta mas não com a menina negra, e o sexo mas uma vez não foi problema para a identificação. O mais curioso foi a criança “M”. , na proposta 1 colocara-se menor que a figura do personagem branco e pintara seus cabelos compridos lisos e loiros, agora ao desenhar-se, colocou-se atrás de um outro coelhinho todo marrom. O que merece destaque, é que a coelhinha preta pela qual se identificou tinha o rosto rosa, as orelhas azuis e corpo marrom. O sentimento de inferioridade aparece forte nessa criança, assim como a negação da condição de negro. Isso ocorre porque a criança precisa negar ou distorcer sua imagem “negativa” para ser aceito socialmente, tornando-se um problema para sua identidade. O mesmo, poderia ser diferente se houvesse valorização de tributos do grupo ao qual estão envolvidas, daria a criança negra facilidades de desenvolver uma identidade positiva e sentimentos de valor em relação a si próprio (Ferreira, 2000).

Na análise das três primeiras proposta, vimos como a criança se identifica e vê sua identidade, a partir das relações estabelecidas com os livros de literatura infantil, assumindo o lugar de outro personagem. Mas o que acontece quando as crianças negras e brancas, assumem o personagem de si mesmo e constrói a história, a partir de seus conceitos sociais, culturais e morais? A última proposta a

ser analisada trata-se da construção de uma história pelas próprias crianças, que criaram os personagens, o meio social e cultural em que viviam. Quando as crianças selecionadas, iniciaram a construção da história não foi fácil organizá-la. Tivemos que dividi-la por passos.

O primeiro passo foi a caracterização física dos personagens brancos e negros, bem como a definição do sexo de cada um e nesse processo, já iniciara o direcionamento da posição social dos personagens. Os personagens brancos foram definidos como pai e filha e os personagens negros como mãe e filha. Os personagens brancos, foram caracterizados com roupas simples, porém com roupas “despojadas” e de bom gosto. A caracterização física dos personagens negros não receberam os mesmos padrões, a mãe negra fora vestida com um vestido que lembra os das festas folclóricas, especificamente festas juninas. E a criança negra, com uma camiseta branca e saia verde escura que fora até o pé da criança deixando-a com ar “desengonçado” e inapropriada a uma criança. As escolhas foram feitas, mediante a outras consideradas socialmente mais apropriadas.

O segundo passo, foi a escolha dos nomes após a caracterização dos personagens e que trouxeram novas descobertas e reflexões. A mãe negra recebeu o nome de “Emília” e já caracterizada com roupa folclórica, o nome atribuído a ela nos remete a um personagem, hoje, folclórico: a Emília do Sítio do Pica-Pau-Amarelo que era uma boneca de pano falante atrevida, espevitada e cheia de remendos, que raramente é lembrada pela inteligência. Já a criança negra, recebeu o nome de “Taís”. Os personagens brancos o pai recebeu o nome de “Miguel” e a filha, de “Giovanna”.

O terceiro passo, foi a construção da história em torno dos personagens construídos. Para locomoção dos personagens na história, os brancos receberam

atributos de um carro novo e uma bela moto, já às personagens negras foi atribuído um Jipe de aspecto envelhecido e realizando referência a um brinquedo. As diferenças sociais atribuídas aos personagens, aparecem mais uma vez na parte em que visitam uma loja local e adquirem alguns brinquedos. A criança branca compra muito mais brinquedos que a criança negra, ainda a boneca escolhida para a criança negra, era branca. Essa constatação continua, quando os adultos adquirem para si, alguns pertences. O personagem branco adquiriu: celular da moda e com tecnologia, carrinho de controle remoto, agasalho e roupas e bolsas femininas, realizando menção a um outro personagem, provavelmente uma mulher branca que poderia ser a esposa do personagem. Contrapondo-se ao primeiro personagem, a mãe negra adquiriu: uma sandália rasteira e simples, um óculos de sol, um celular simples e um carrinho plástico comum.

As condições de moradia dos personagens evidenciam a condição de como as crianças vêem negros e brancos a sociedade. Aos brancos é atribuída uma bela casa, com janelas de madeira e um jardim muito bonito. Aos personagens negros, foi atribuído uma casa de madeira e no lugar do jardim, esgoto ao céu aberto, ou seja, a favela. E mais interessante, é que as crianças que aparecem na figura, na favela, são brancas. Mas foi aos negros, que atribuíam a favela mesmo havendo nos recortes disponíveis, outros tipos de moradias simples com melhor infra-estrutura em detrimento a esta.

Para a festa noturna, os personagens brancos ganharam acessórios caros, roupas bonitas e com muitos detalhes para valorizá-las, bolsa e sapatos que dão charme a produção (embora os sapatos fossem verdes, e a bolsa rosa, levo em consideração o modelo escolhido). As personagens negras receberam roupas bonitas, porém sem grandes detalhes para valorizá-las, destacando uma bota vermelha

plástica e com flores do lado externo no alto do cano, para a menina negra. O único acessório que aparece associado a elas, é um colar artesanal branco que a mãe usa. Definiram a festa como sendo um aniversário, escolheram presentes a serem dados, os brancos ofereceram os melhores e mais caros e os personagens negros, os presentes de menor valor aquisitivo, sendo um artesanal e o outro lembrando os que são vendidos no comércio informal.

A profissão atribuída aos personagens adultos da história foi a de professor para o adulto branco e à adulta negra, a profissão de empregada doméstica em um prédio de alto padrão.

As crianças ao construir essa história, perpassam através dos personagens os conceitos culturais, sociais e morais sobre brancos e negros. Toda a análise realizada e os apontamentos das crianças apontam a existência de preconceito racial e atos discriminatórios, já internalizados em crianças pequenas, brancas e negras (pretos e pardos).

Chagas, (1996) como já mencionei afirmou que nos dias atuais crianças de 3 anos brancas não querem sentar-se com crianças negras da mesma idade. E através da análise desse instrumento apresentado, encontrou-se que idéias racistas que estão introjetados no meio social, cultural e moral, onde as crianças se desenvolvem e que vão sendo internalizados através de processos cognitivos, refletem-se em ações discriminatórias, mesmo que objetivo não o seja, tanto por branco como pelos próprios negros.

Ferreira, (2000) apontou que estereótipos em relação ao negro são desenvolvidos desde a época escolar (infância), e que elas atribuem em histórias narradas aos brancos, boas ações socialmente desejáveis e aos negros, ações indesejadas. Mas aqui, os negros (pretos e pardos) eram a maioria na construção da

história, o mesmo aparece: os negros receberam ações socialmente indesejáveis. Uma hipótese provável, seria o processo de internalização sofrida pelos negros, ao longo do processo histórico da ideologia do branqueamento e que junto ao mito da democracia racial, destruíram a cultura negra em detrimento a cultura branca. Outro fator, é a inferiorização social do negro onde à ele é atribuídos papel social menos valorizado.

Xavier, (1995) apontou uma idéia interessante, e aqui o fato de ser atribuído a mãe negro o papel profissional de doméstica é uma idéia de conformismo pré-histórico do negro na sociedade, onde a honestidade, a fidelidade do caseiro vitalício e da doméstica adposa e com varizes, reforça as idéias racistas. Apesar da mão negra estar inicialmente num lugar de nível social alto, acabou por ser reconhecida em um meio social inferior e com uma profissão que é menosprezada no mercado de trabalho. Além de chamar-me a atenção, há um fato não apontado pelas crianças, mas que deixa a margem para uma análise de qual seria a relação da mãe estar naquele local, fazenda, junto aos personagens ricos. Existe a afirmação de que a imagem do negro está relacionada a pobreza e a incapacidade de ascensão social. Até mesmo um carro de brinquedo, foi atribuído aos personagens negros, levando a pensar que aquele meio de locomoção aos personagens negros assemelha-se a “abóbora da história da Cinderela”.

Em nenhum momento as crianças brancas e negras, pensaram em relacionar os personagens de sexo diferentes com uma relação mais próxima (namorados, amigos, vizinhos) e sim, pensaram em colocá-los em posição social inferior um em relação ao outro. Tudo porque a herança cultural que trazem é a de uma sociedade extremamente racista, que nega ao negro o direito real à equidade social de forma escamoteada como a que é pregada a equidade entre os povos inter-raciais (Cardoso, 2003 e Silva, 1995).

Outra evidência que se apresentou foi a relação dos personagens com a moradia. A favela foi atribuída ao negro, mesmo que no destaque da figura aparecessem crianças brancas.

Soligo (2001), como citada anteriormente, apontou-nos m fato que afirma-se nessa situação do negro de um meio social inferior. A autora coloca que a representação do negro, através de seus estudos, encontrou o banco identificado com o poder, o dinheiro, a corrupção, a moda e aos bens sociais. Enquanto ao negro a imagem da pobreza, da violência, da criminalidade, ou seja, a da exclusão. Continuando, o mundo do negro se resume à rua, a favela.

E foi exatamente isso, que encontrei quando analisava essa história: o branco com poder (o econômico e o intelectual, referido a profissão de professor), o dinheiro (pelo poder aquisitivo maior que o negro), a moda (pelas roupas e bolsas), e aos bens sociais pelos acessórios caros, veículos e imóvel à ele atribuídos. Ao negro, restou a pobreza expressa nas roupas comuns, na quase ausência de acessórios e que aparece como algo barato, nos bens de consumo, na condição da moradia(escolha da favela, que nas histórias, são ao menos casas mais humildes) e na profissão(doméstica, onde o intelecto não é necessário), ou seja ,ao negro é atribuída a exclusão social. Seu mundo, foi delimitado à favela, sem perspectivas à mudança como nas histórias de contos de fadas.

O estereótipo do negro, inferiorizado, sem poder aquisitivo, sem condições de ascensão social, foi encontrado como anteriormente, num racismo à brasileira, sutil, que mascara e escamoteia a realidade cruel do negro na sociedade hoje.

Todo esse racismo introjetados em nossas crianças destrói qualquer perspectiva de construir sua identidade, de assumir sua negritude e de forma

consciente, transformarem preconceitos e discriminações em algo em favor de si mesmo.

Chagas (1996) ,fala da necessidade de se alertar o dano que a prática de não encontrar-se nos livros e a de conviver com padrões discriminatórios provocadas contra o negro, podem causar as crianças negras no momento de sua evolução, pois assim , alertando-as e levando-as a reconhecer a situação vivida, estaremos contribuindo para devolver à elas, aos negros, o que lhe é negado, ou seja, o direito de ser diferente.

CAPÍTULO IV

4.1 Considerações Finais:

Após a análise realizada conclui que a questão racial foi se construindo de forma perversa através da história deixando marca na identidade do povo negro, irreparáveis. A sociedade em que vivemos não assume ser racista, causando mais danos à identidade negra que não consegue se defender daquilo que não se assume, ou seja, o racismo. Essa racismo à brasileira, vai destruído a imagem do negro e sua identidade, desde cedo. Parece-me, infelizmente, que o racismo não está apenas introjetado nos adultos brancos e negros, mas também nas crianças brancas e negras num processo de internalização social.

Na história infantil clássica, predomina o estereótipo branco—ariano em que fadas, princesas, mocinha são de cabelos longos e louros, olhos azuis, corpos esbeltos, boas roupas e com mocinhos imberbes, corpolentos e fortes, elegantes como se tivessem saído do banho (Schwarc, 1980). E são essas características que vão sendo pregadas de forma inconsciente e valorizativa para as crianças através desses contos.

Percebi que há o reforço do estereótipo branco e a desvalorização do estereótipo negro que sempre aparece no conto analisado, como algo ruim ou ligado à bruxaria. Se é má, está com roupas pretas ou com um fundo sombrio, as coisas ruins sempre acontece à noite— relacionada a escuridão (preto). Parece-me que essa sutilidade do racismo causa mais danos à identidade do que se fossem explícito

socialmente. Infelizmente, relacionar o preto (cor escura) à tudo que representa maldade, bruxaria, feio, sem razão imoral coloca os livros de literatura infantil como sendo um aparelho de reprodução ideológico que deturpa, despreza, inferioriza, e estereotipa a imagem do negro.

Outro ponto observado relaciona-se a dificuldade em que as crianças encontraram para identifica-se com os personagens principais. Crianças brancas não encontraram dificuldades em relacionar-se com (o) a personagem principal. As crianças brancas na história étnicas também não apresentaram dificuldades em encontrar-se, pois relacionaram sua imagem a do coelho branco, que eram também um personagem principal. Mas as crianças negras não se permitiram identificar-se com eles e quando o fizeram, reproduziram em si o estereótipo branco ou ainda colocando-se em situação inferior. Para mim, a criança negra sofre com o reforço do estereótipo, gerando conflitos que expressam sentimentos internalizados de inferioridade e depreciação da raça negra, mesmo sendo negros.

Encontrei nessa análise, traços da ideologia do branqueamento introjetados nas crianças, pois para se verem precisaram se representar como brancas. Esse “espelho de vampiros” (Xavier, 1995), que torna-se o meio social e tudo que por ele é reproduzido, leva a criança negra a não enxergar-se. É a invisibilidade social em que o negro se esconde para não ser percebido e quando o faz inversamente, utiliza-se do estereótipo branco e deseja sê-lo, mas não como é.

As afirmações dos autores citados sobre as crianças negarem a serem negras, foi confirmada em minha análise, pois a ideologia do branqueamento aparecer como um fator predominante no reconhecimento identitário da criança negra. E parecendo-me, que negar ser negro é aproximar-se de ser branco, nega-se a

negritude em detrimento de um reconhecimento social desejado. Mas desejável a quem?

Essa negação também apareceu na proposta “dois” quando as crianças em sua maioria não conseguiram se identificar com a personagem negra mesmo sendo a principal. Fazê-lo, seria o reconhecimento do ser negro e tentar outra referência, seria a recusa desse reconhecimento. A recusa de aceitar sua negritude, penso que também pode estar ligada a questão do mito da democracia racial que prega a existência igualitária entre os povos. Através desse mecanismo, as diferenças são esquecidas no âmbito cor da pele, mas socialmente camuflada e deturpada da realidade existente, ou seja, a sociedade racista excludente em que vivemos. A busca do ideal desse mito aproxima a criança negra (o negro) de viverem papel inferior socialmente, pois lhe retira as formas de evidenciar o racismo e preconceito que lhes nega a mobilidade social. A ideologia do branqueamento é a falsa ilusão de que para ser aceito socialmente, deve ser branco (Rodrigues, 2000).

Essa ideologia do branqueamento, o mito da democracia social e a negação da identidade negra, juntas aparecem com traços fortes em toda a análise da proposta “três”. Os personagens brancos são valorizados socialmente, culturalmente e economicamente demonstrando poder. Enquanto personagens negros são colocados em condição inferiorizantes e sempre em segundo plano excluídos socialmente. A figura do negro é ligada à rua, a favela (Soligo, 1998).

Observei que há o desprestígio econômico através da pobreza e do trabalho ligado aos negros ao mesmo tempo, em que a cultura é associada a personagem adulto com a folclorização da sua figura. A cultura negra está relacionada ao folclore.

Em síntese, concluo que a identidade da criança negra não encontra nos livros de literatura infantil ou nos contos específicos, elementos sublimadores para a sua construção ou afirmação social. Sua identidade é fragmentada, estereotipada, inferiorizada e negada. As crianças reproduzem o racismo introjetados na sociedade, pois desde cedo recebem influência do meio externo e que são responsáveis pela construção da identidade humana.

4.2 Contribuições da Pesquisa à Educação

Entre muitas coisas em que sempre me provocaram inquietações na educação, está a questão social. Falar sobre racismo na educação é assumir o papel de professor racista, pois só se fala em racismo quando se é racista. Esse engano conceitual entre os educadores, levou-me a frustração várias vezes. Como professora branca, nunca permiti a exclusão em sala, assumindo e questionando os problemas sociais em torno do racismo e não deixando que os estereótipos inferiorizantes fossem transferidos sem serem questionados. Como mãe branca de uma criança negra, senti por muitas vezes de forma consciente, o preconceito inconsciente das pessoas no meio social: “ah, ele é branco, não é preto”; “ah, mas é um preto bonitinho!”; “o cabelo é macio, né?”. Isso tudo ouvi nem em uma, mas em várias ocasiões. E confesso, incomoda! Não por dizerem que meu filho tem cabelo macio e é bonitinho, mas pela desvalorização de sua origem racial negra, pelo racismo sutil.

Com essa pesquisa, espero contribuir para que os professores percebam o quanto o racismo silencioso é tão perverso quanto o racismo aberto de outras

sociedades. Calar-se diante de atitudes preconceituosas pode se significar a aceitação e concordância do que é dito, feito.

Os professores devem aprofundar-se no estudo da questão social, pois ela faz parte da sociedade e do cotidiano social das crianças quer sejam brancas ou negras. O desconhecimento dessas implicações na prática pedagógica poderá levá-los a uma falsa visão da sociedade e de se tornar mais um reprodutor da desigualdade social, a qual tanto os educadores reflexivos criticam.

A educação não é um território neutro da reprodução social, o que ocorre na sociedade, acontece na escola, influenciam os materiais pedagógicos e livros diversos produzidos para a área educacional. O diferencial disso tudo, ao meu ver, poderá ser o uso que o professor der e de como agirá diante da realidade. O professor consciente reflexivo e questionador é o referencial. A leitura simples dos livros infantis, em nada contribuirão pela a construção da identidade negra se não houver um outro tipo de metodologia docente. O questionamento daquilo que se vê, que se lê é fundamental. As imagens também falam e muitas vezes, mais que as palavras. A criança que apenas vê princesas e príncipes, jamais conseguirá ser princesa ou princesa negro nas mesmas histórias, simplesmente porque não se sentirá estimulado em assumir sua condição negra no lugar do branco. O contar história é um momento mágico para a criança, permite-a imaginar, sonhar, criar, fantasiar, entrar no mundo adentro do livro. Essa é a oportunidade para a criança desenvolver através de diferentes linguagens a sua identidade, de se ver. Mas o quê fazer diante das histórias clássicas, não contá-las então?

Sem grandes pretensões, sugiro que as histórias sejam contadas e também criadas para que as crianças possam se colocar como são através de apresentação com fantoches produzidos por elas e que as permitam serem princesas

e príncipes negros. E por quê não, haver um príncipe louro e uma princesa negra, ou o inverso? Contar histórias clássicas, mas também mostrar as imagens de forma crítica e questioná-la. Utilizar-se de livros infantis específicos ao trabalho com a diversidade, permite se ter argumentos que vão aos poucos nortando a discussão e construção dos conceitos introjetados nas crianças.

Enfim, minha contribuição para a educação seria a de alertar os professores em relação ao racismo e que estabelece com a literatura infantil ou outros livros para que possam ter subsídios teóricos para combaterem essa prática vergonhosa que deturpa e destrói a identidade da criança negra e porque não, do negro em nossa sociedade.

4.3 Perspectivas e limitações da Pesquisa

A pesquisa inicial partiu do interesse em constatar as influências ou não da literatura infantil para a identidade negra, verificando-se a construção da identidade da criança negra como uma variável. Após os estudos teóricos sobre racismo, preconceito e discriminação racial, o foco foi direcionado a identidade da criança negra e como a construção social dessas práticas, interferem no negro a se reconhecer de forma positiva.

O rumo tomado pela pesquisa que realizei, acabou por contribuir para a compreensão das influências, culturais e econômicas não só para a formação da identidade mas também como instrumento para o reconhecimento do negro no meio social.

Limitei-me a analisar os livros através das imagens, já que na educação infantil a leitura pelas crianças é realizada através das imagens das figuras. Tentei também realizar a construção da história através das imagens, seguindo da construção oral.

Com uma pesquisa qualitativa e o estudo de caso em que os instrumentos se limitara a um conto clássico e um específico, a construção de uma história de uma criança em meio a tantos outros livros e histórias, saliento que objetivo não foi a de criticar as histórias, mas a de apontar as influência para construção da identidade da criança. E que o grupo escolhido para o estudo de caso, seguiu critério estabelecidos junto com as crianças, por se tratar de uma amostra pequena, embora significativa, que creio não invalidar a análise realizada. A escolha de uma mesma faixa etária teve o objetivo de aproximar o processo cognitivo das crianças, integrando diferentes gêneros e vivências cotidianas, a partir de uma mesma capacidade relacional.

A pesquisa abra espaço a inúmeras indagações e aprofundamentos maiores sobre os fatos apontados nas análises e outras que apareceram por toda a pesquisa. Assim, como um momento de reflexão para a vida profissional, social e pessoal de cada um de nós, integrantes da sociedade, dito cidadãos.

REFERÊNCIAS:

- Cavalheiro, Eliane. (2003) *Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, preconceito e Discriminação na Educação Infantil*. SP: Contexto.
- Seminário de Educação. *Relações Sociais e Educação: Cidadania, Diversidade no Séc. XXI*. Cuiabá: MT. UFMT
- Fonseca, Marcus Vinícius (2002) *A Educação dos Negros: Uma Nova Face do Processo de Abolição da Escravidão no Brasil*. Bragança Paulista: SP. EDUSF.
- Negros e Educação*. (2002) Oliveira, Iolanda de. , Silva, Petronilha B.G. e. (ORG). IN: *Identidade Negra: Pesquisa Sobre o Negro e Educação no Brasil*. RJ: Vozes.
- Coelho, Marciele Nazaré. (2005) *A Educação e Diversidade Étnico-Cultural: A Inserção de Crianças Negras Brasileiras e de Crianças Angolanas no Espaço da Escola/Hortolândia-SP*. Campinas: SP Unicamp.
- Lopes, Helena Theodoro. (1998) *Educação e Discriminação dos Negros*. IN: Melo, Regina Lúcia Couto de.; Coelho, Rita de Cássia Freitas (ORG). Belo Horizonte: MG. IRHJP.
- Santos, Erisvaldo Pereira dos (1997) *As Idéias Racistas, Os Negros e a Educação*. IN: Lima, Ivan Costa, . Romão, Jerusi (ORG) Florianópolis: SC. Núcleo de Estudos Negros: nº 1, Maio/1997.
- Silva, Ana Célia da (1995) *A Discriminação do Negro no Livro Didático*. Salvador: BA. CEAO, CED.
- Santos, Kelly Cristina Pessanha (2005) *Personagens Negros na Obra de Monteiro Lobato*. TCC-Unicamp.
- Levin, Henry M. (et.al) (1984) *Educação e Desigualdade no Brasil*. Petrópolis: RJ. Ed. Vozes.
- Chagas, CC das (1996) *Negro Uma Identidade em Construção: Dificuldade e Possibilidades*. Petrópolis: RJ. Ed. Vozes.
- Ferreira, Ricardo Franklin (2000) *Afro-Descendentes: Identidade em Construção*. SP: Educ. RJ: Ed. Pallas.
- Guimarães, A.S. (2004) *A. Preconceito e Discriminação*. SP: Fundação de Apoio a USP. Ed. 34.
- _Apolinário, Daniele (2001). *Pirlimpimpim: Por Onde Perpassa o Imaginário na Educação Infantil?* TCC/Unicamp. Campinas: SP

_Vygotsky, L. S. (1998). *A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. IN: Neto, José Cipolla., Barreto, Luís Silveira Menna., Afeche, Solange Castro. (Orgs). 6ª Ed. SP: Martins Fonte.

_Vários Autores (2004). *Caminhos para Formação do Leitor*. IN: Souza, Renata Junqueira de. (Org). 1ª Ed. SP: DCL.

_Bettelheim, Bruno (1980). *A psicanálise dos contos de fadas*. IN: Caetano, Arlene (Trade). 9ª ed. RJ: Paz e Terra.

_Castorina, José Antonio., Ferreiro, Emília., Lerner, Délia., Oliveira, Martha Kohl de. *Piaget-Vygotsky: Novas contribuições para o debate*. IN: Schillieg, Cláudia (trade). 5ª ed. SP: ED. Ática.

_Chartier, Rogers (1996) *História Cultural: Entre práticas e Representações*. RJ: Bertrand.

_Vieira, Isabel Maria de Carvalho (2005). *O Papel dos Contos de Fada na Construção do Imaginário infantil*. Revista Criança: do professor de educação infantil- MEC/SEB. Brasília, nº 38

_Silva, A . C. (1988) *Estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro de Comunicação e Expressão de 1º Grau, nível 1 (1º à 4º)*. Em R.L.C. Melo e R.C.F. Coelho (org) Educação e Disciplinação dos Negros (p.91 – 96) BH: IRHJP

_Pinto, R. P. (1995) Diferenças Raciais e Educação: problemas e perspectivas *Idéias* (27): 19 – 24.

_Schwarcz, L.R.M. (1995) *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. SP: Companhia das letras.

_Xavier, A . (1995) *Comunicação e Educação Idéias* (27): 69 – 74.

_Lopes, A. T. (1998) *Educação e Identidade da Criança Negra*. Em R. L. C Melo e R. C. F Coelho (orgs) Educ. e Disc. Dos Negros (p. 53-58. BH: IRHJP

_Soligo, M. F. (2001) *O Preconceito Racial no Brasil: análise a partir de objetivos e contextos*. Tese doutorado: PUCC – Campinas/SP.

_Maud, A. M.; Fichman, G.E.; Flores. L. G. Karam, I. *A Leitura de Imagens na Pesquisa Social: história, comunicação e educação*. Maria Ciavatta e Nilda Alves (orgs). SP: Cortes, 2004.

_Schwarcz, L. M. (2003) Falando de um Preconceito Retroativo: o tímido mercado editorial brasileiro e as falácias de uma frágil linha de cor. *IN: Resistência e Inclusão: história, cultura e cidadania afro-descendente*. Denise Pini Rosalém Fonseca (org). RJ: PUCC-Rio/Consulado Geral dos EUA.

_Lopes, Ademil (1995) *Escola, Socialização e Cidadania: em estudo da criança negra numa escola pública de São Carlos-São Carlos/SP*. SP: EDUFSCAR
Cardoso, F. H. (2003). *Capitânias e escravos no Brasil :o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. RJ: Civilização Brasileira.

Azevedo, Célia Maria Marinho de.(1987). *Onda Negra Medo Branco, o negro no imaginário das elites do século XIX*. SP: Paz e Terra.

Rodrigues, Jaime (2006).Visões nascidas do medo.*IN: História viva: temas brasileiros*.nº03,ed. Duetto.

www.historiaviva.com.br.vários autores.(15/11/2006)

ANEXOS

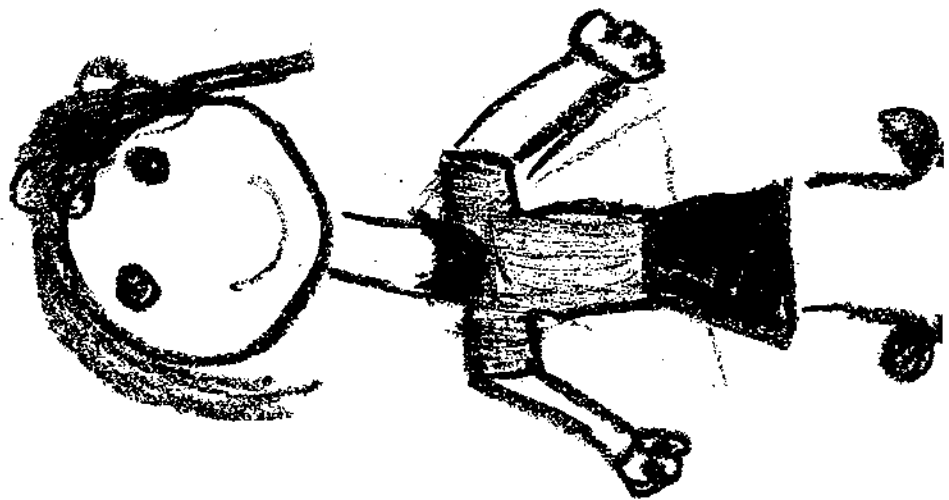
ATIVIDADE 01

HISTÓRIA : "BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES"



T. (negra)

***HISTÓRIA : “BRANCA DE NEVE E OS
SETE ANÕES”***



A.(branca)

HISTORIA : "BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES"

1. Ganes (BRANCA)



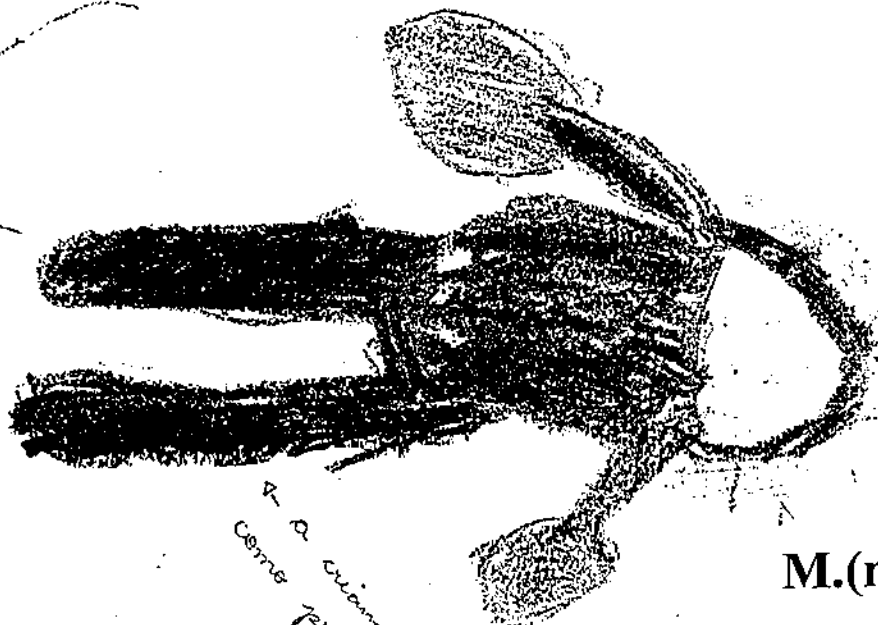
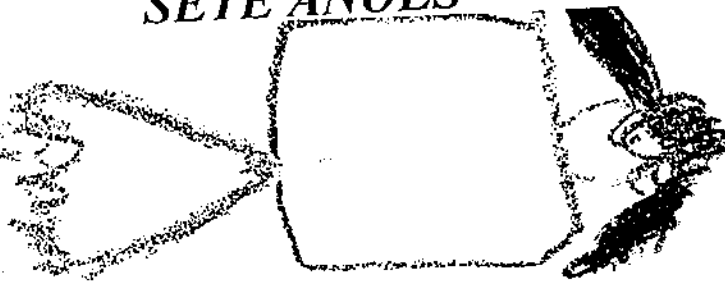
L.(branca)

**HISTÓRIA : "BRANCA DE NEVE E OS
SETE ANÕES"**



P.(negro)

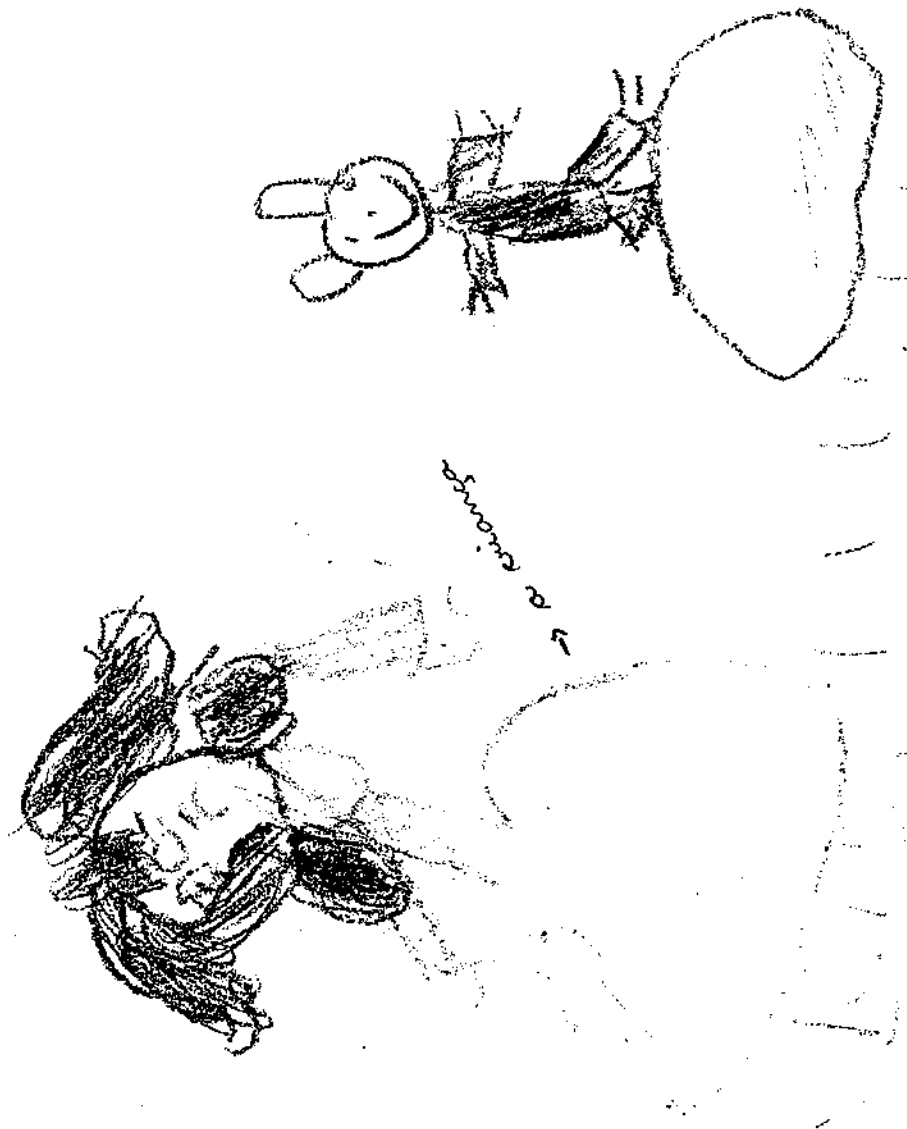
HISTÓRIA : "BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES"



4- a criança
como príncipe

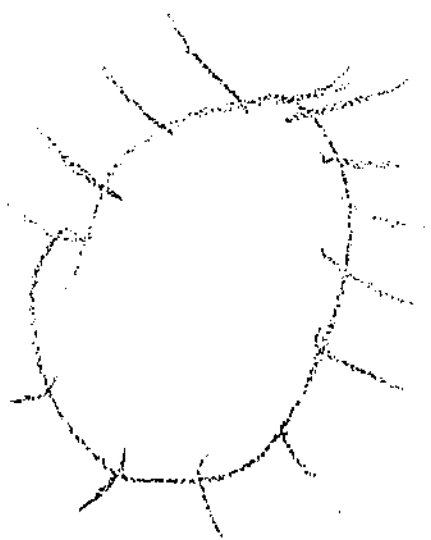
M.(negro)

***HISTÓRIA : “BRANCA DE NEVE E OS
SETE ANÕES”***

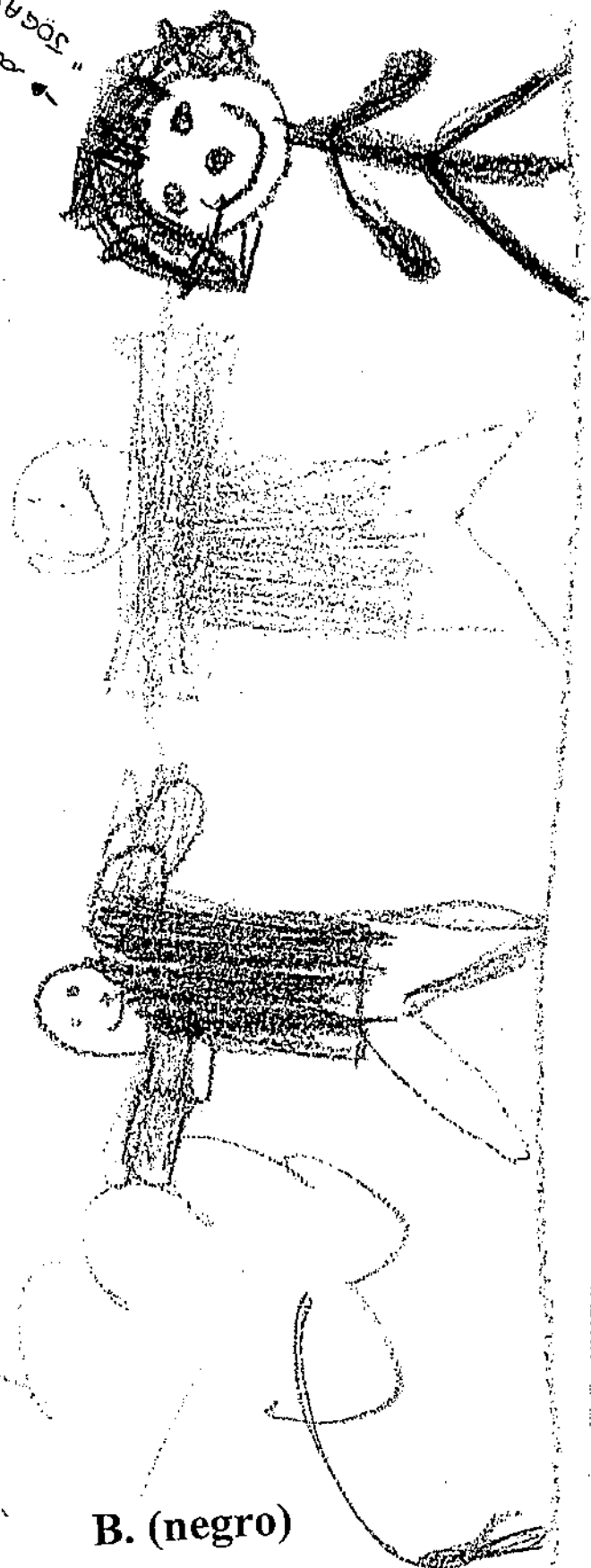


R.(negra)

**HISTÓRIA : "BRANCA DE NEVE E OS
SETE ANÕES"**

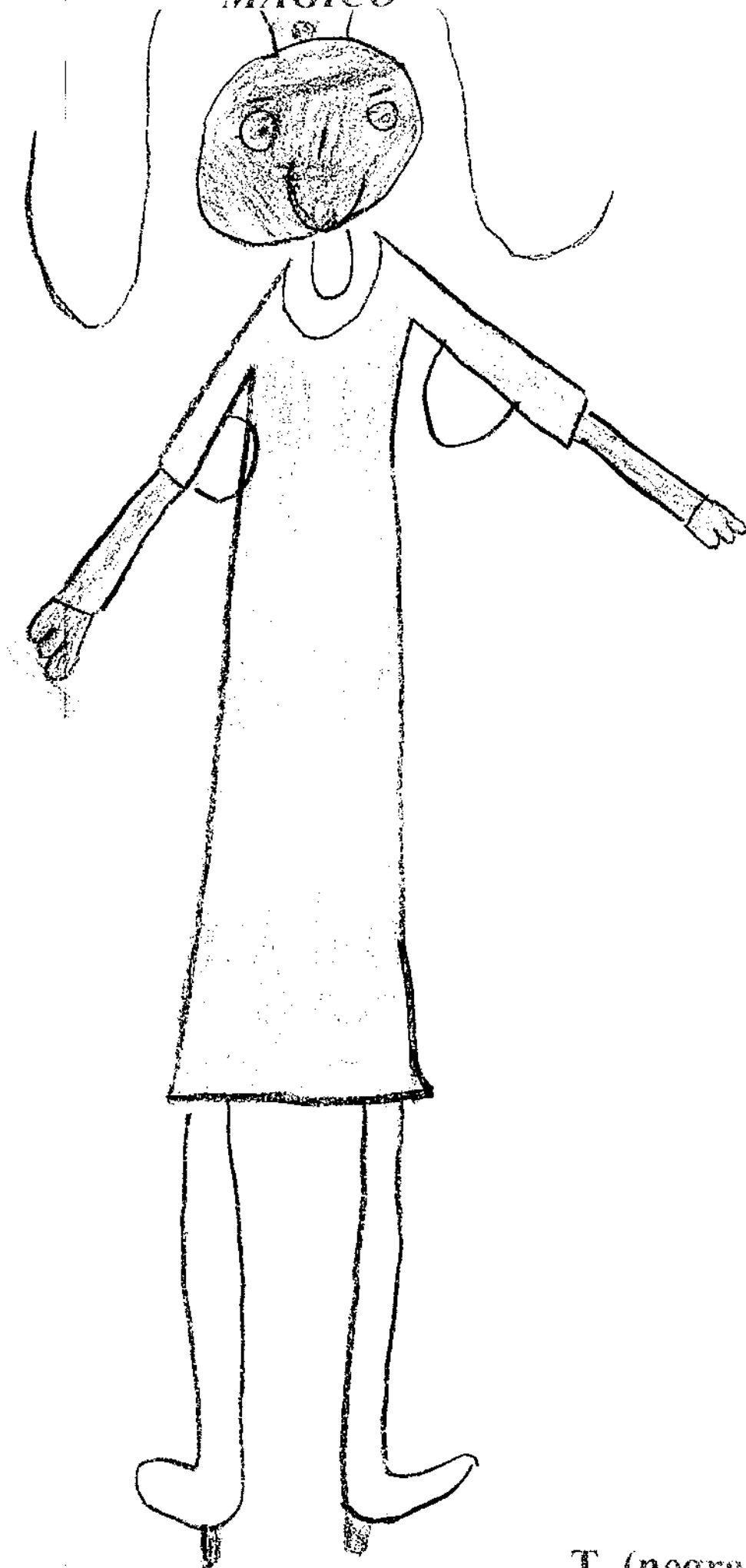


"a criança
"SOGRA"



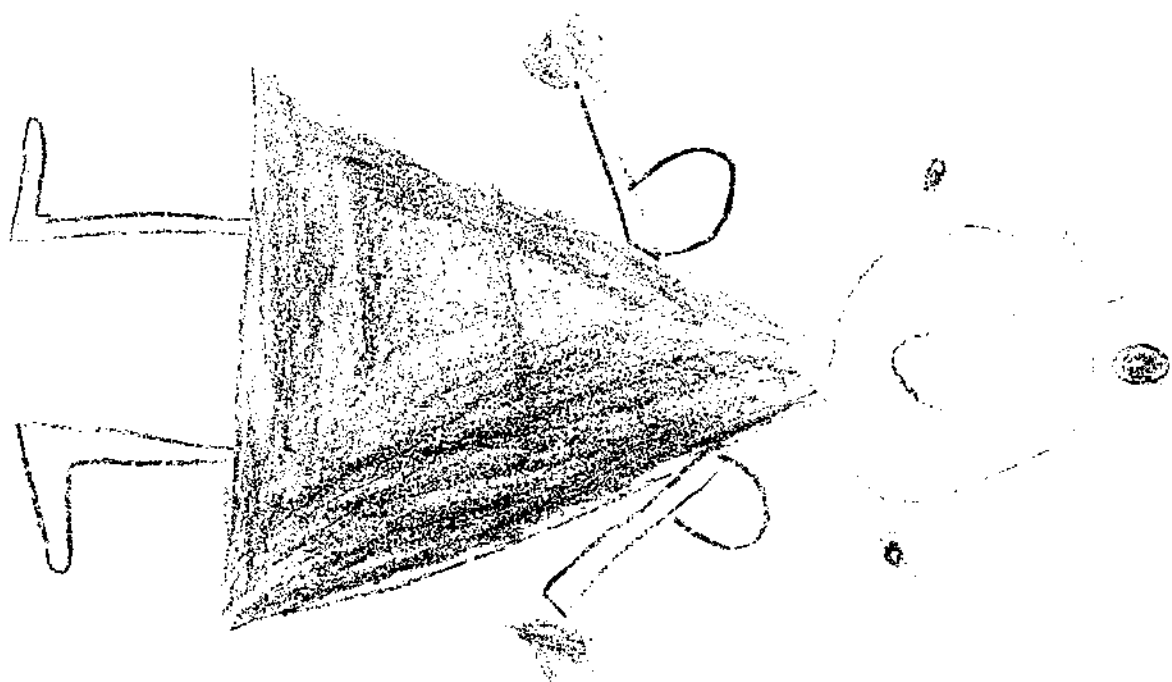
B. (negro)

**PROPOSTA 02: "EU E O ESPELHO
MÁGICO"**



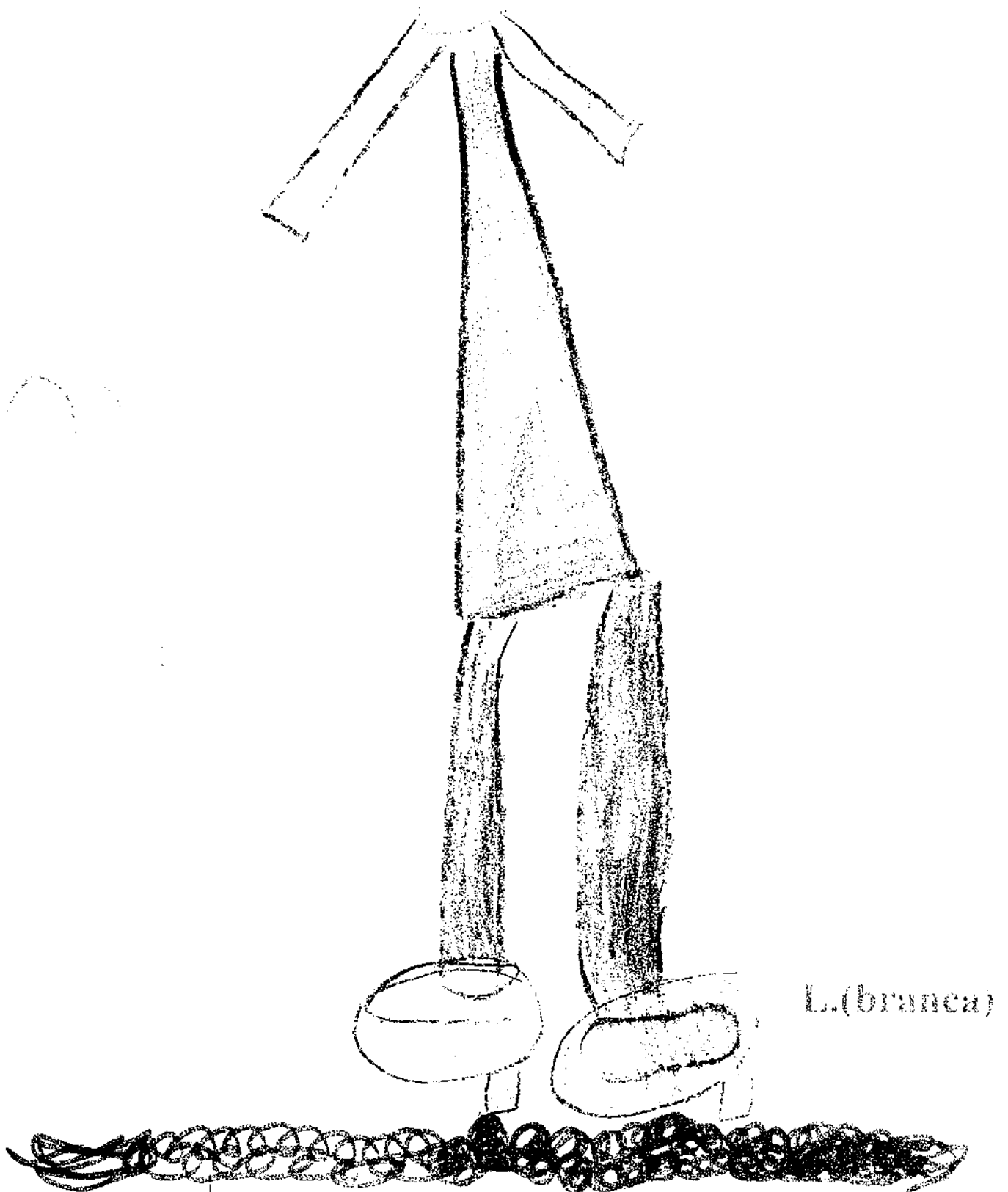
T. (negra)

*PROPOSTA 02: "EU E O ESPELHO
MÁGICO"*



R.(negra)

*PROPOSTA 02: "EU E O ESPELHO
MÁGICO"*



***PROPOSTA 02: “EU E O ESPELHO
MÁGICO”***



B. (negro) 5.

***PROPOSTA 02: “EU E O ESPELHO
MÁGICO”***



M.(negro)

*PROPOSTA 02: "EU E O ESPELHO
MÁGICO"*

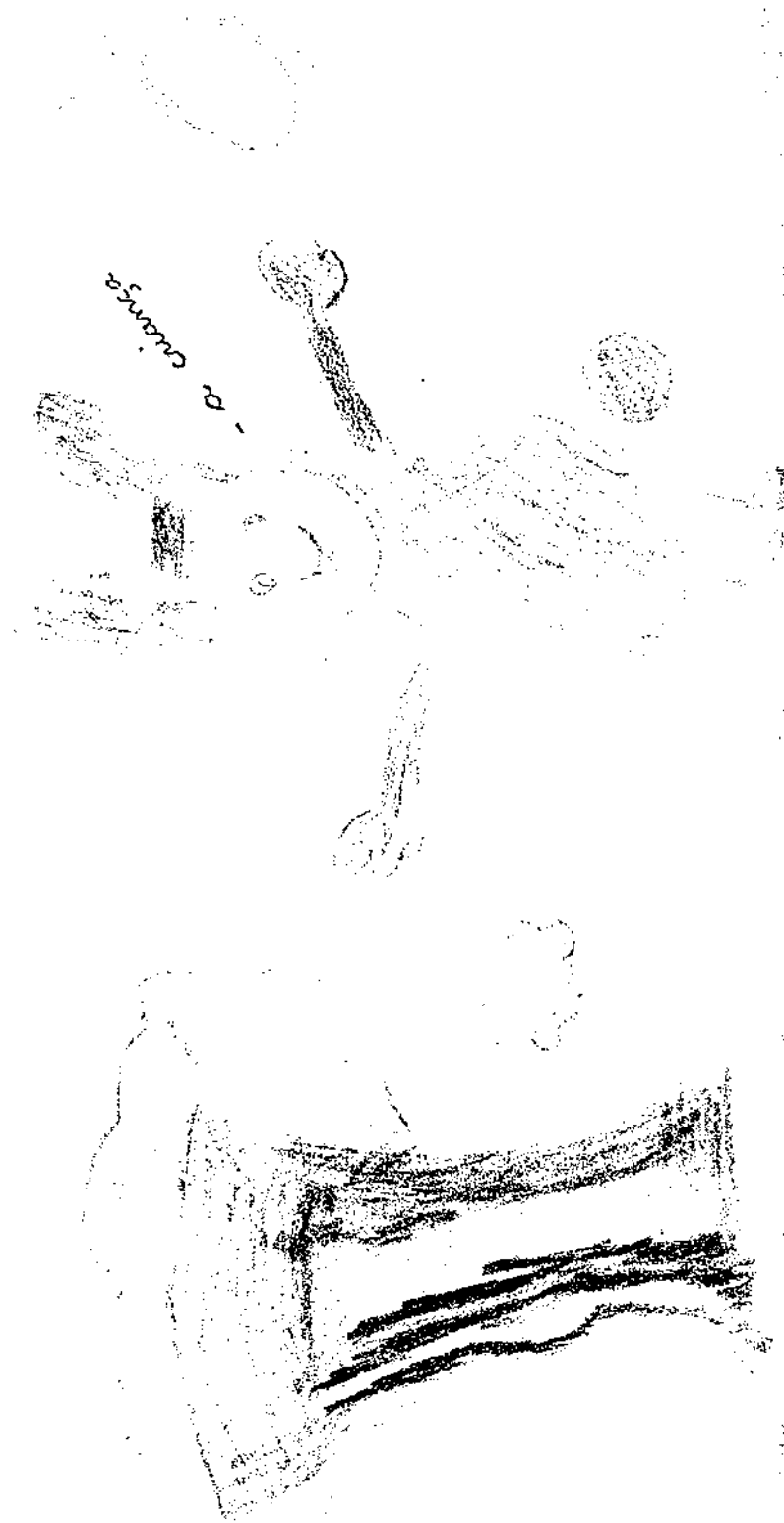


A. (Branca)

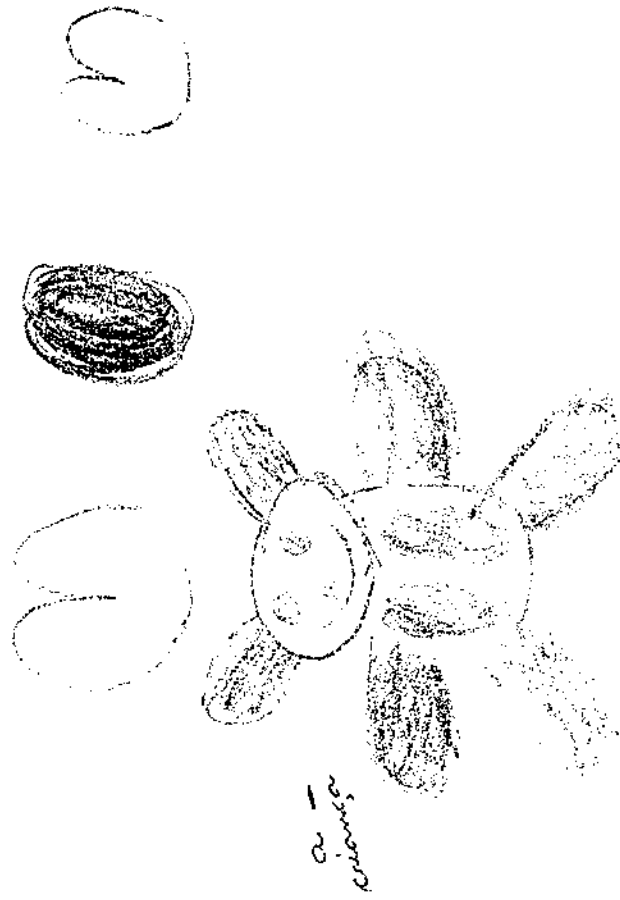
**HISTÓRIA : "MENINA BONITA DO LAÇO
DE FITA"**

A. (frase)

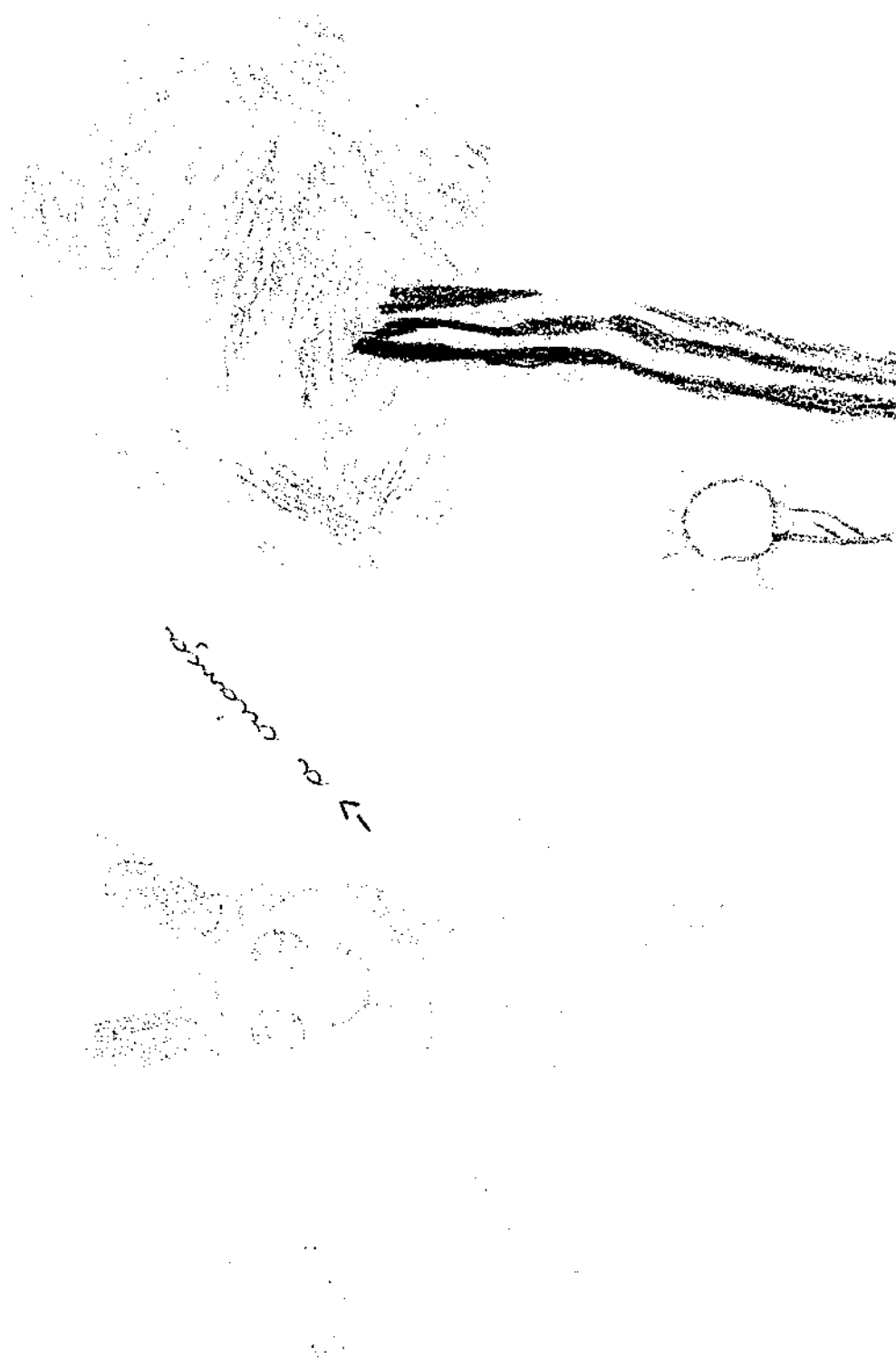
HISTÓRIA : "MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA



HISTÓRIA : "MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA"

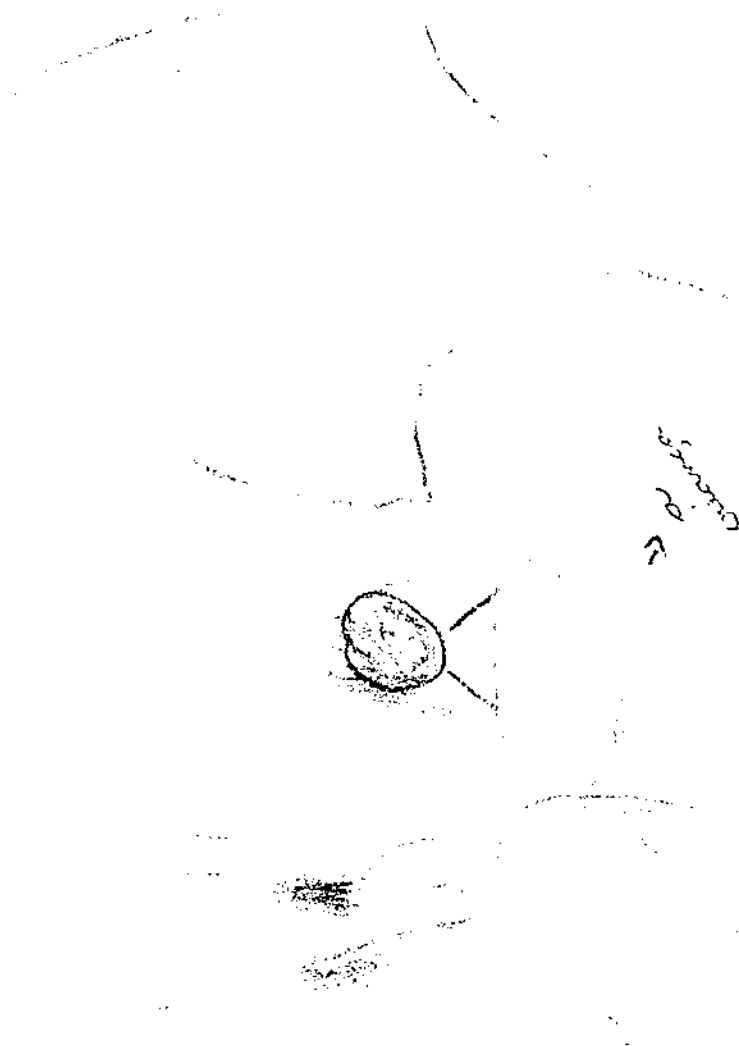


HISTÓRIA : "MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA



T. (menina)

HISTÓRIA : “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”



10/10/2023

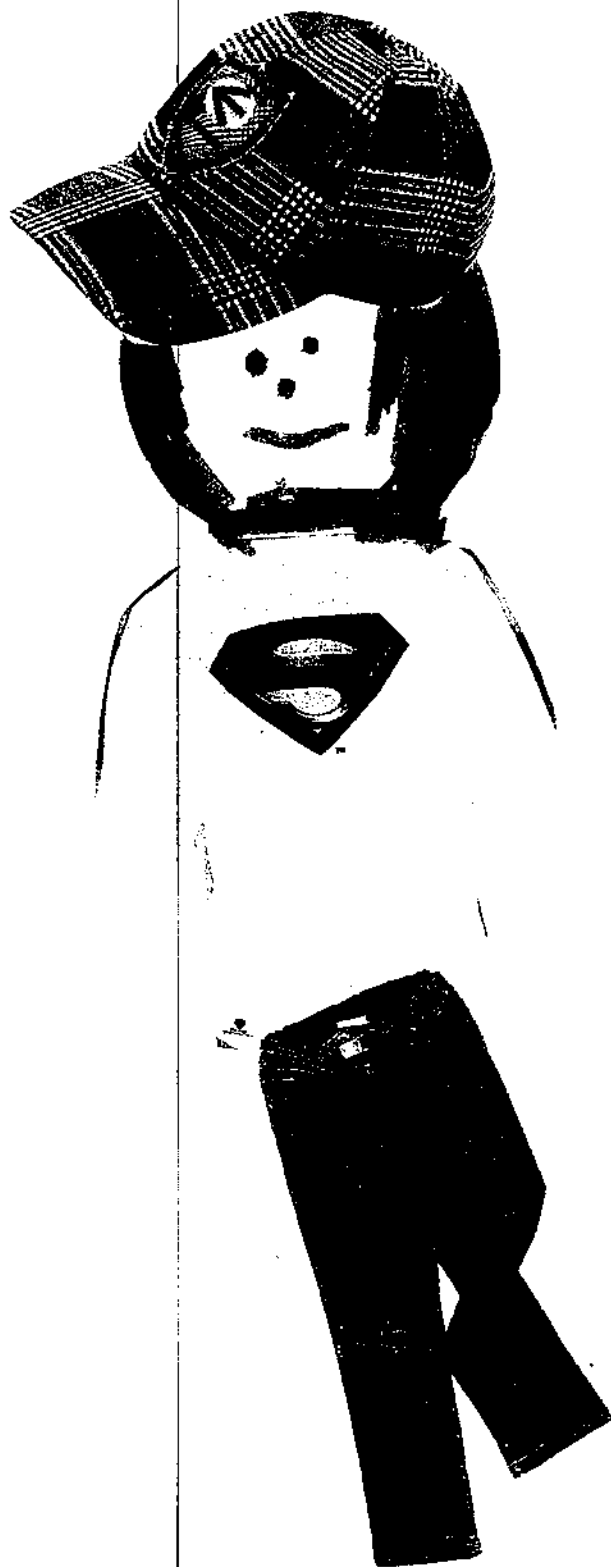
**HISTÓRIA: "MENINA BONITA DO LAÇO
DE FITA"**



"UMA FESTA NA FAZENDA"

ERA UMA VEZ, VÁRIAS PESSOAS QUE PASSEAVAM NA FAZENDA. ELAS SE CHAMAVAM:

ATIVIDADE 04



MIGUEL

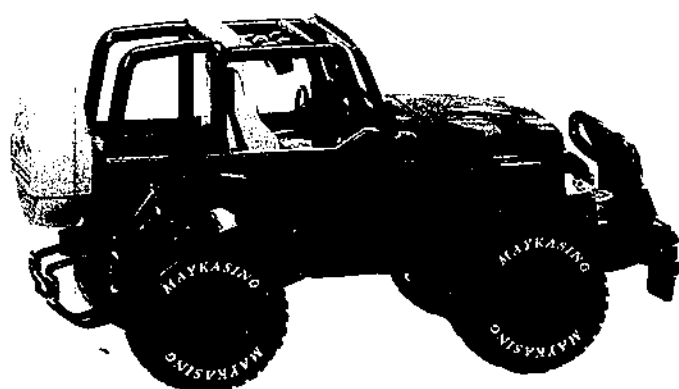


GIOVANNA

ELLES FORAM PASSEAR DE CARRO. O SEU MIGUEL E O GIOVANNI ESTAVAM COM UM CARRO NOVO E UMA MOTO. E A DONA EMÍLIA E A THAÍS, DE CARRO, SÓ!



... E A DONA EMÍLIA E A THAÍS, DE CARRO, SÓ!

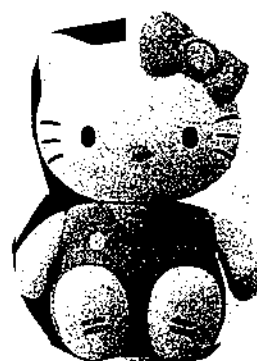


ELES PASSARAM NUMA LOJA E COMPRARAM ALGUMAS
COISAS PARA AS CRIANÇAS.

THAÍS



GIOVANNA

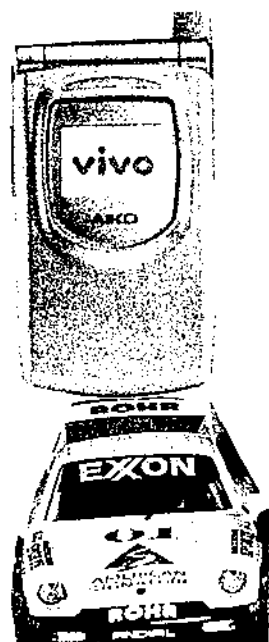


OS ADULTOS COMPRARAM NA LOJA, PARA DAREM DE
PRESENTE, ALGUMAS COISAS:

MIGUEL

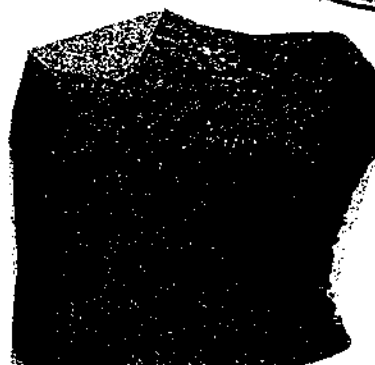
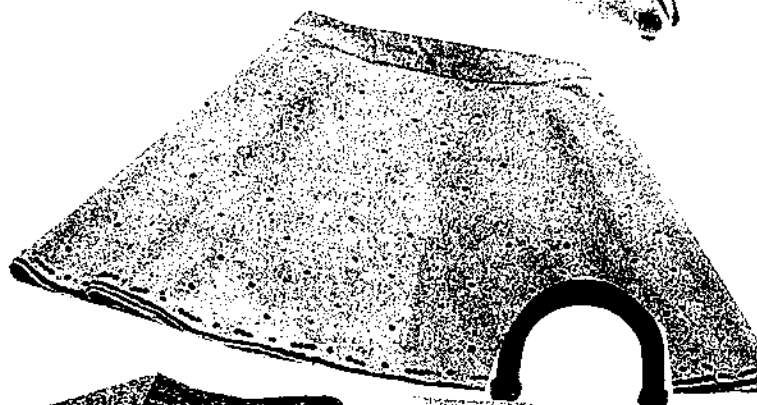
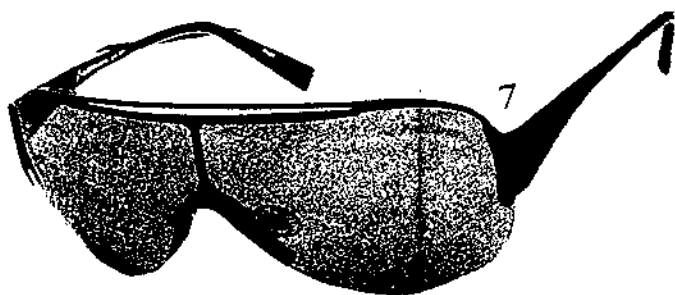


EMÍLIA

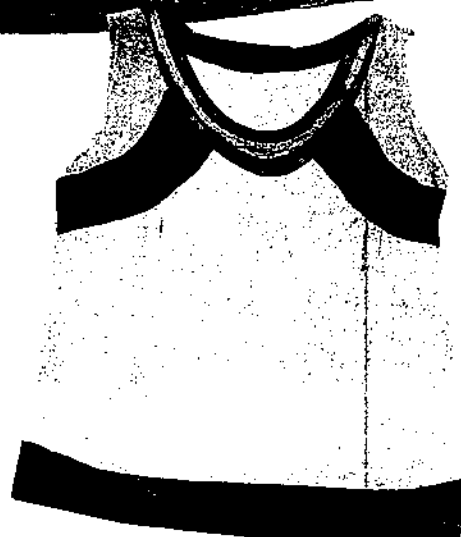


LÁ NA FAZENDA, FORAM À FESTA A NOITE E ELES
VESTIRAM PARA SE TRANSFORMAREM:

SEU MIGUEL



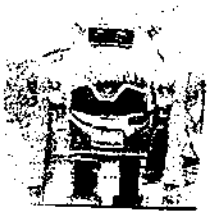
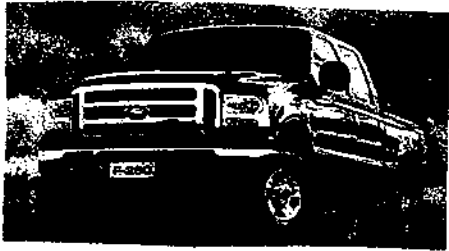
LÁ NA FAZENDA, FORAM À FESTA A NOITE E ELES
VESTIRAM PARA SE TRANSFORMAREM:



DONA EMÍLIA

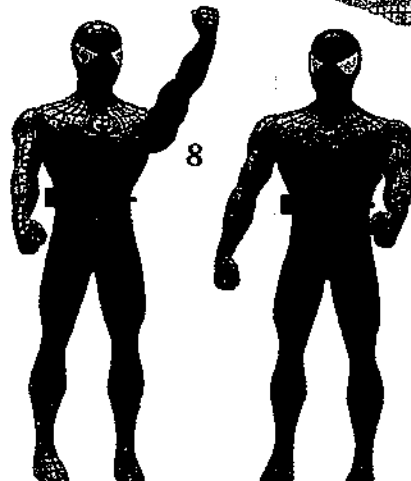
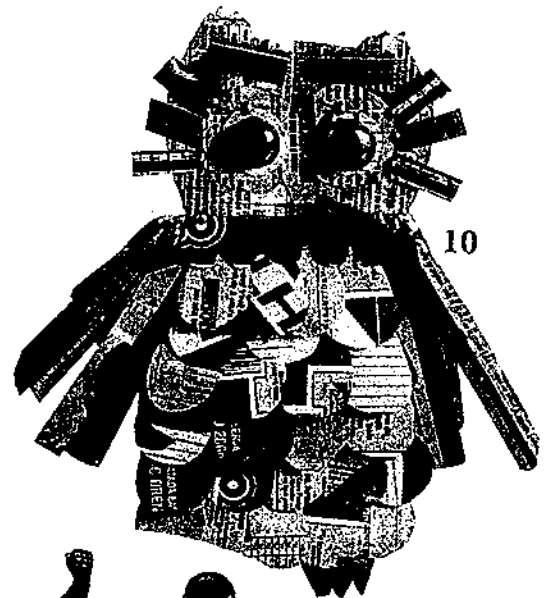
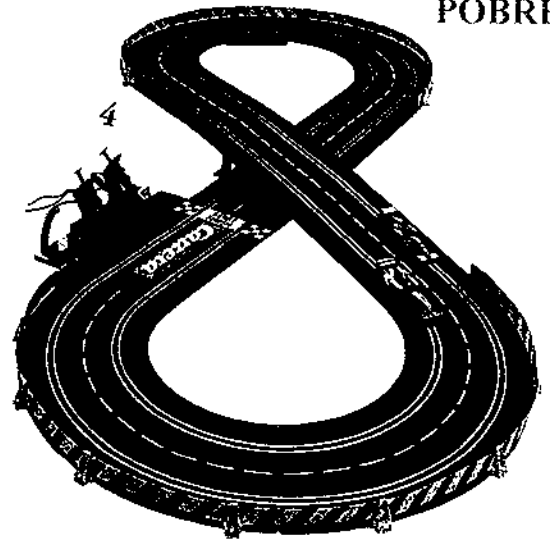
PARA A FESTA, ELES LEVARAM:

GIOVANNH
RICO



DONA EMÍLIA

POBRE

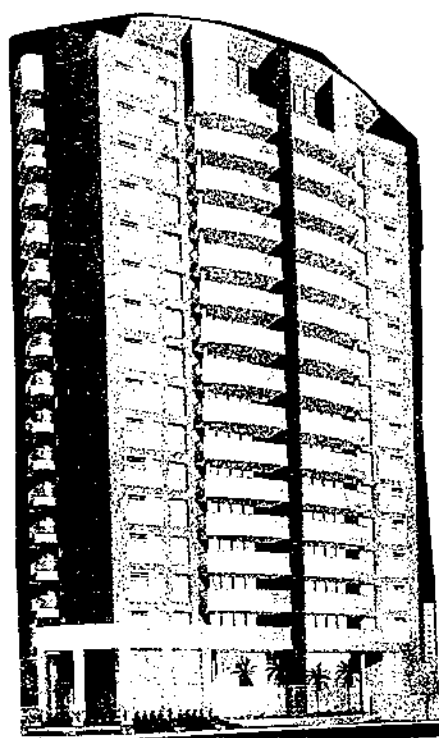
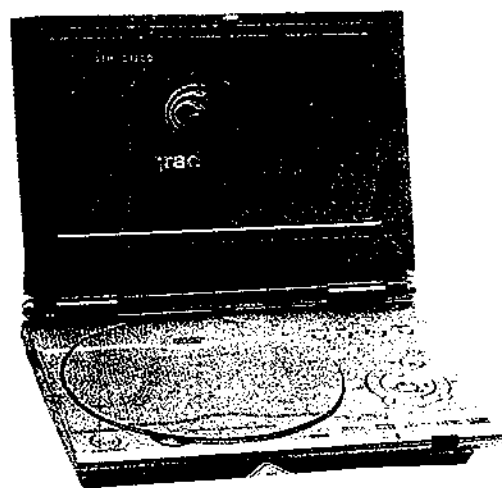
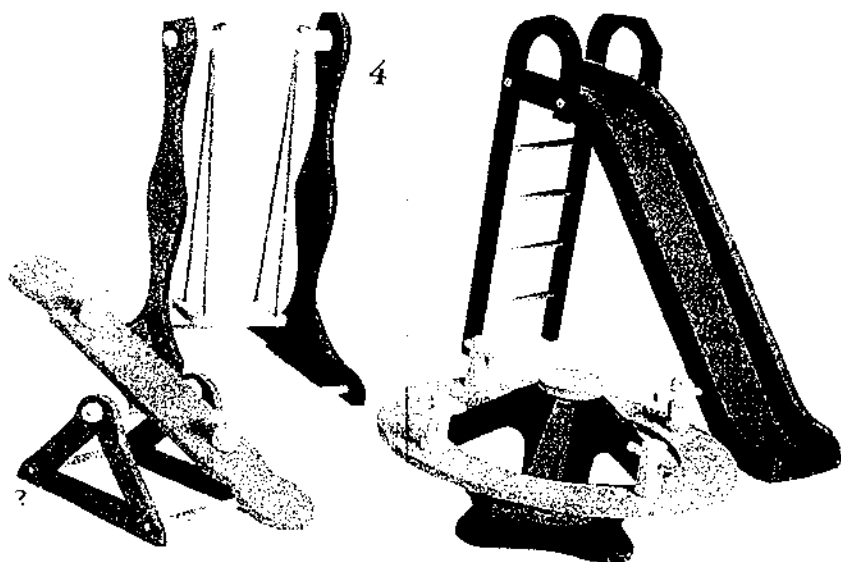


NO OUTRO DIA, ELES FORAM EMBORA E VOLTARAM
PARA CASA E PARA O TRABALHO. O SEU MUGUEL ERA
PROFESSOR E A DONA EMÍLIA ERA EMPREGADA DOMÉSTICA

ELES ERAM FELIZES!!!

SEU MIGUEL

PROFESSOR



DONA EMÍLIA

EMPREGADA DOMÉSTICA

O SEU MIGUEL ERA RICO E A DONA EMÍLIA ERA POBRE.
ELES MORAVAM EM UMA BONITA CASA E A DONA EMÍLIA
NUMA CASA POBRE.

